

PROJETO CURATORIAL

**Órbitas arquitetônicas:
Espaço, Performatividade e Possibilidades Curatoriais**

Monique Bernardine

MESTRADO EM ESTUDOS ARTÍSTICOS I CURADORIA E MUSEOLOGIA

Orientadora: Prof^a Doutora Inês Moreira

Co-orientadora: Prof^a Doutora Susana Gaudêncio

Porto, 2021

“O tempo não é linear. É um emaranhado maravilhoso, onde, a qualquer momento, pontos podem ser escolhidos e soluções inventadas, sem começo ou fim.”

Lina Bo Bardi

Agradecimentos

À minha família, que apoia minhas decisões com muito afeto.

Ao João, pela parceria, dedicação e criatividade partilhada.

Aos presentes, Fernanda, Phiphi e Rui, e aos amigos distantes, pela motivação.

À orientadora, Inês Moreira, que me inspirou pelo seu percurso académico e profissional, e iluminou minha perspectiva com possibilidades nas áreas de curadoria e arquitetura.

À co-orientadora Susana Gaudêncio, pela colaboração em vertentes essenciais para este projeto: mediação, arquitetura e seus públicos.

Aos participantes deste projeto, pela partilha e apoio.

À Deborah Madden, pela inspiração para iniciar o Mestrado.

À Chantal Benjamim, por todas as conversas e referências.

Aos docentes do mestrado em Estudo Artísticos da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto por toda a troca de saberes e inspiração.

Resumo

A materialidade da arquitetura possibilita um campo gravitacional no qual rotacionam muitos elementos. A experiência urbana, que compõe a paisagem da cidade como uma constelação, pode revelar pontos conectados a partir do olhar da curadoria de edifícios, que potencializa relações entre eles, suas transposições de memória coletiva e história.

A relevância da problemática acerca da performatividade da arquitetura de espaços que experimentam ao longo do tempo usos diferentes do projeto original de arquitetura, vem de uma observação no contexto de cidades como o Porto, onde, muitas vezes devido à conservação de patrimônio e outros tipos de políticas, o projeto privado de morada é reconvertido em espaço expositivo, ou ainda projetos pós-industriais se transformam em espaços degradados. As presenças nestes espaços, a relação das pessoas com estas arquiteturas ao longo do tempo, imprime camadas de percepções, as quais tem suas implicações no tempo do agora.

Este projeto tem a proposta de utilizar a arquitetura enquanto ferramenta para processos, sistemas de pensar e mediar novas narrativas e atualizações ao refletir as impressões do público. O processo pretende assim, repensar os paradigmas expositivos, seus protagonismos contemporâneos na ordem da narrativa, dos aparatos expositivos e a performatividade material da arquitetura.

Poderia a curadoria de edifícios recortar e transportar as reflexões do cubo-branco para “outros espaços”, onde novas narrativas operam de forma a diluir protagonismos dos moldes estáticos, e incluir o público que utiliza estes contextos? Ou ainda, seria possível provocar a reflexão em uma plataforma de mediação de arquitetura, que busca novas leituras da performatividade da arquitetura, onde é possível pensar a relação com estas materialidades, do tempo do agora?

Palavras-chave: curadoria de edifícios | mediação de arquitetura | performatividade da arquitetura | espaço expositivo | novas narrativas

Abstract

The materiality of architecture enables a gravitational space in which many elements rotate. The urban experience, which draws the city's landscape as a constellation, can reveal connected points from the viewpoint of the buildings curatorship, which enhances relationships between them, their transpositions of collective memory and history.

The problematic about the architecture performativity of spaces that over time, have different uses of the original architectural project, comes from an observation in the context of cities such as Porto, where, often due to the conservation of heritage and other types of political, the private housing project is converted into an exhibition space, or even post-industrial projects turn into abandoned spaces. The relationship of people with these architectures over time, print layers of perceptions, that influence the present time.

This project has a proposal to use the architecture as a tool for processes, thinking systems, mediating new narratives and updates by reflecting the audience's perception. The process thus intends to rethink the exhibition paradigms, their contemporary protagonisms in terms of the narrative, the exhibition apparatus and the material performativity of architecture.

Could buildings curatorship act in the establishment of proposals, to transport the reflections of the "white cube" to "other spaces", where new narratives operate in order to dilute the protagonists of static model, including the public that uses these contexts? Also, would it be possible to reflect in an architecture mediation platform, which seeks new readings of the performativity of architecture, where it is possible to think about the relationship with these architectural materialities, in the present time?

Keywords: buildings curatorship | architecture mediation | architecture performativity | exhibition space | new narratives

Índice

Pág. 2	Introdução
Pág. 7	Órbita 1 Arquitetura: espaço expositivo e suas narrativas
Pág. 19	Órbita 2 Curadoria de edifícios
Pág. 33	Órbita 3 Performatividade da arquitetura
Pág. 48	Órbita 4 Proposta curatorial
Pág. 60	Órbita 5 Metodologia de mediação de arquitetura
Pág. 66	Órbita 6 Exercício prático da plataforma de mediação de arquitetura
Pág. 90	Considerações finais
Pág. 95	Lista de imagens
Pág.100	Bibliografia
Pág.104	Anexos

Notas prévias: Este projeto está escrito em português do Brasil.

Introdução

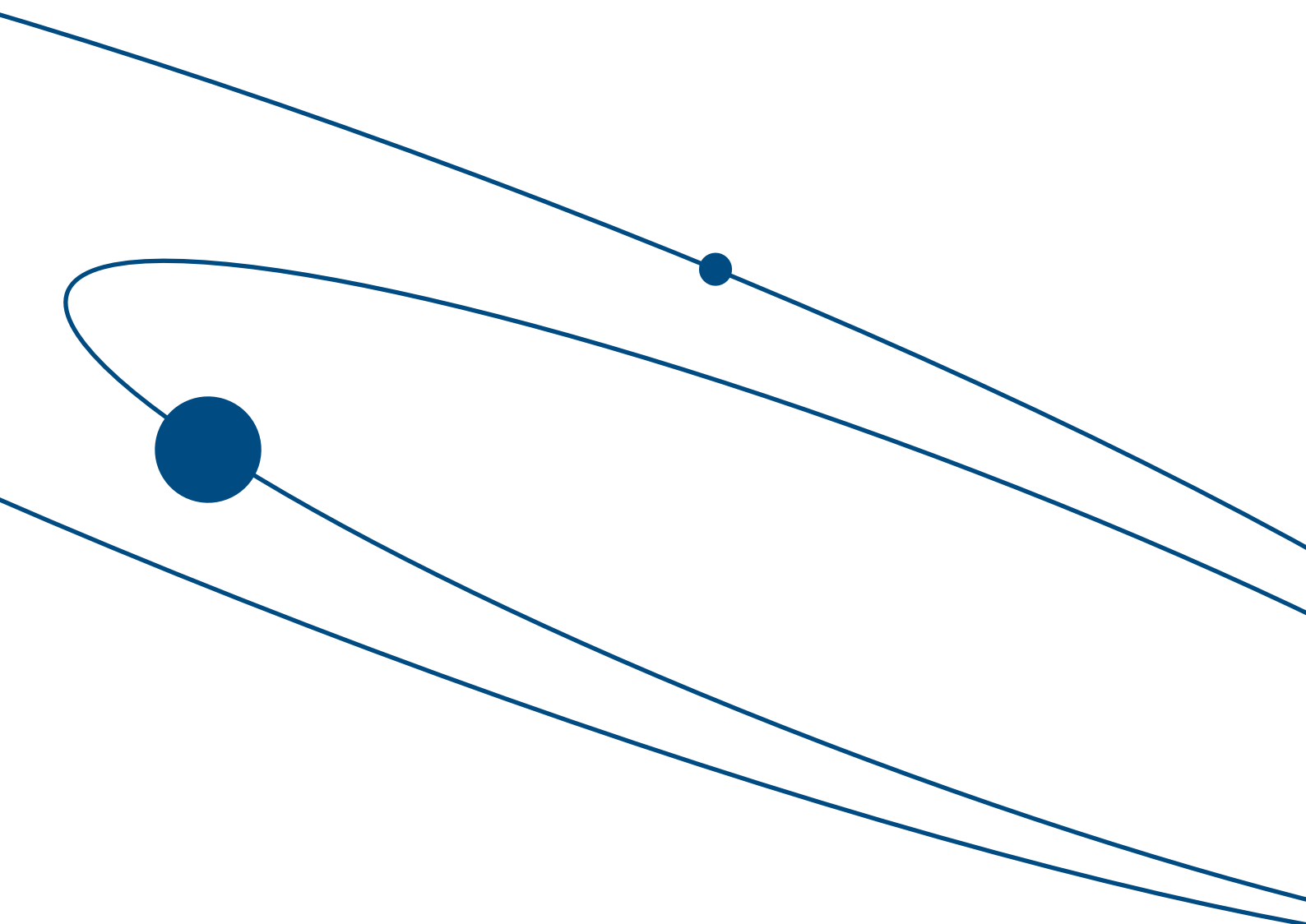
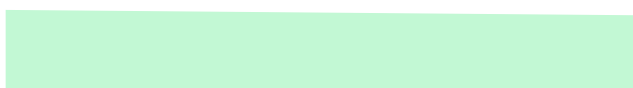




Figura 1
Arquitetura e espaços em mediação - Montagem por Monique Bernardine



O projeto órbitas arquitetônicas: espaço, performatividade e possibilidades curatoriais, parte do impulso de reflexão da minha vivência e de interesses provocados por experiências profissionais e pessoais.

A experiência de trabalho no Brasil foi determinante para motivar outras vertentes de pensamento, seja da cultura arquitetônica, seja a mediação e contato com o público. A caracterização dos projetos, era em sua maioria, de novos edifícios que ocupavam terrenos onde as pré-existências eram completamente retiradas, ruínas demolidas sem preocupações, critérios de preservação ou cuidado com a memória dos espaços. A mediação entre materialidade, história e memória coletiva, era muitas vezes esquecida e vista como desnecessária.

Esta pesquisa surge em continuidade ao tema de investigação, iniciado na dissertação para o curso de Arquitetura e Urbanismo, momento em que já existia atenção aos edifícios enquanto agentes históricos e de reflexão, na arquitetura e sua performatividade material. Desta forma, o Mestrado em Portugal foi pensado no intuito de aprofundar uma vertente pouco comum no Brasil, onde o arquiteto-curador atua enquanto propositor, que identifica recortes e novas perspectivas, bem como possibilidades de desenvolvimento e expansão de campos investigativos e disciplinas.

Enquanto arquiteta, o presente projeto motiva o interesse na curadoria, de forma a ampliar o campo de reflexão, adicionar fragmentos contemporâneos que orbitam entre complexidade do tempo, presenças, memória dos edifícios e coexistências. A partir disto, foi definido que os capítulos deste trabalho seriam abordados em órbitas, inspiradas no sistema solar, seus movimentos gravitacionais, suas conexões e consequentemente o significado de conjunto adquirido por estes elementos. Assim, a construção visual das órbitas e constelações, adotadas como imagens metafóricas, estrutura o pensamento dos espaços, da pesquisa artística e curatorial.

Entre arquiteturas, exposições, público e pessoas relacionadas ao fazer artístico, vivo um incessante pensar sobre a prática da curadoria a partir dos lugares onde estas relações acontecem. Como estes espaços influenciam a percepção, impressões, narrativas curatoriais, os processos de mediação de arquitetura, e a produção de artistas e curadores. A relação com o público também surge como questionamento, ao pensar o impacto que os edifícios têm enquanto materialidades na paisagem urbana, e como se estabelecem as possíveis aberturas ou segregações.

No início do ano de 2020, sintomas reverberaram nas plataformas virtuais, devido à atmosfera pandêmica. Os conteúdos foram organizados em uma corrida para ocupar os espaços desmaterializados, de forma a ficarem disponíveis e expostos em plataformas online. A impossibilidade de acesso aos ambientes físicos suscitou questionamentos institucionais de muitas ordens, entre eles, os aspectos relacionais, a mediação, o público e os acervos.

As instituições tentaram uma forçada adaptação para os espaços virtuais. As formas de utilização destas plataformas foram impulsionadas pela situação pandêmica, ganharam outras possibilidades de relações, que surgiram a partir da abertura de arquivos, acervos e conteúdos até então não disponibilizados publicamente. Alguns processos encontraram outros alcances e possibilidades, em uma nova forma de acesso e organização de informação e reflexão nos ambientes digitais.

Foi preciso pensar em novas formas, novos “espaços” para relacionar, mediar e abrigar reflexões. Ao analisar estas mudanças, cabe considerar a potencialidade da curadoria em atuar no estabelecimento de propostas, recortes de reflexões a serem desenvolvidos em outros espaços, outras plataformas.

Este projeto tem interesse em materialidades não convencionais, na curadoria de espaços expositivos que assumem a imperfeição e a performatividade da arquitetura, trabalham a preexistência enquanto potencial para criação, configuram

uma vertente que expande a capacidade de experimentação e consequentemente de interpretações. O Palacete Ramos Pinto e a Cooperativa dos Pedreiros são abordados na plataforma de mediação de arquitetura como edifícios que suscitaram muitos questionamentos, e me impulsionaram a expandir o pensamento ao relacionar suas respectivas materialidades.

A componente teórica apresentada, pretende refletir a arquitetura, com seus espaços, aparatos expositivos e a presença de alguns paradigmas, em seguida estabelecer uma reflexão com recorte curatorial dos edifícios apresentados acima, suas justaposições e oposições ao modelo estático do cubo-branco. Já a componente prática, apresenta uma proposta que experimenta estruturas de pensar, aplicadas em uma plataforma de mediação de arquitetura, a propor leituras do tempo do agora, recolha e registro das impressões e percepções dos utilizadores atuais destes espaços, de forma a especular novas narrativas, assim como atualizações.

Na órbita I Arquitetura: espaço expositivo e suas narrativas I são abordados conceitos acerca do espaço, definições que caracterizam paradigmas modernos, suas narrativas, entre protagonistas, aparatos e dispositivos expositivos.

A órbita I Curadoria de Edifícios I reflete a potencialidade da arquitetura enquanto ferramenta curatorial que pensa a partir de materialidades e suas performatividades, também as possibilidades a partir de espaços opostos ao cubo-branco que tiveram seus programas arquitetônicos alterados ao longo do tempo.

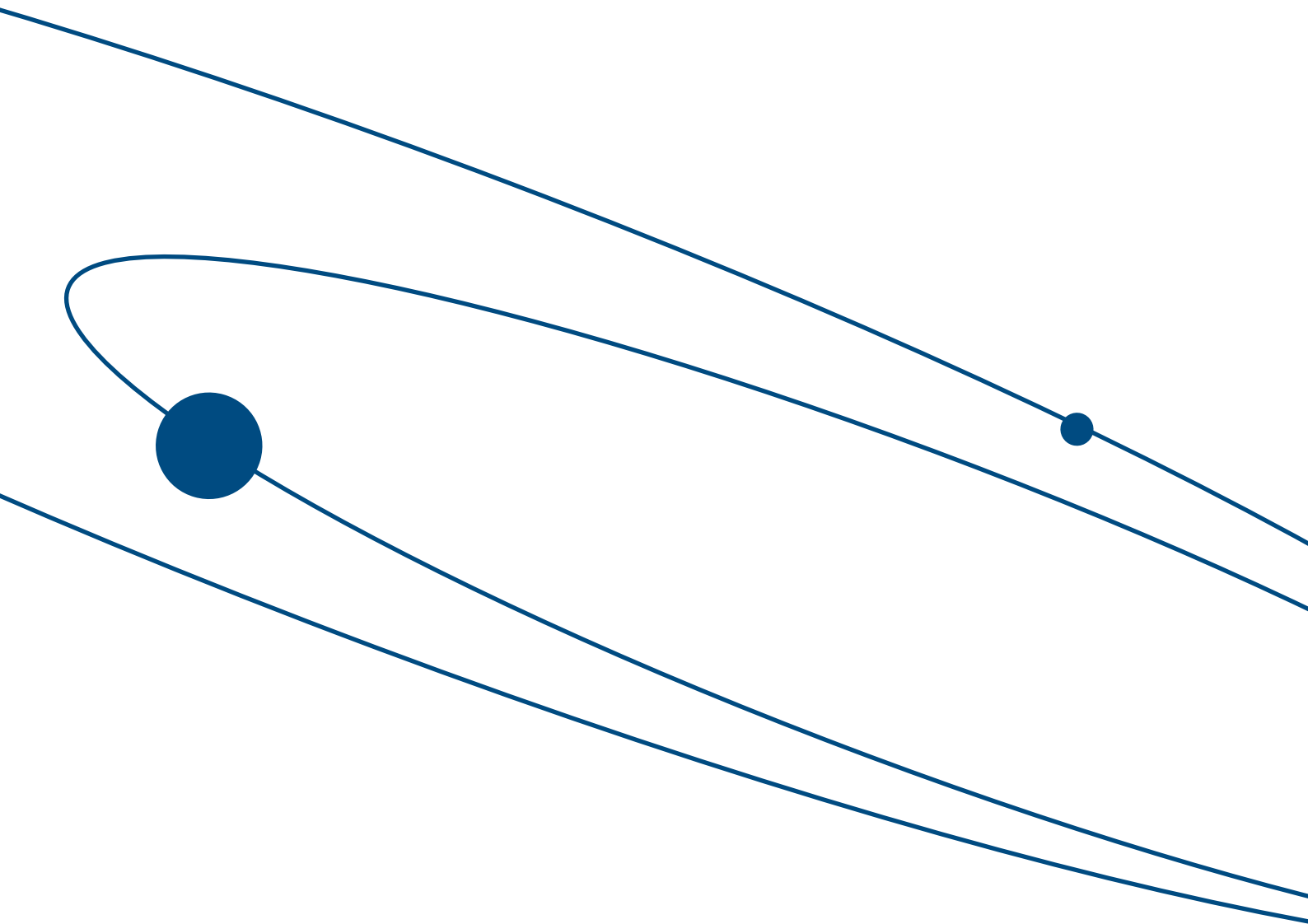
Órbita dedicada a refletir a complexidade do tempo e as camadas de diferentes ocupações em transposição com o público do tempo de agora, I Performatividade da Arquitetura I dá a conhecer as imagens dos edifícios, de forma a exercitar novas leituras dos pontos da constelação e recortes curatoriais.

A órbita I Proposta Curatorial I apresenta a proposta de curadoria e metodologias do exercício prático que explora aspectos educativos.

Por fim, na órbita I Plataforma de Mediação de Arquitetura I, é apresentado o projeto e o exercício prático realizado.

Órbita 1

Arquitetura: espaço expositivo e suas narrativas



A tentativa de disponibilizar material e exposições em outras plataformas poderia propor uma reflexão acerca da desmaterialização dos espaços expositivos e talvez também da presença e experiência do público nestes espaços, porém neste texto, pretende-se abordar não um possível paradigma virtual, mas sim o paradigma expositivo materializado. A reflexão concentra-se na presença dos moldes modernos e a influência destes nas narrativas e leituras dos lugares, seus dispositivos expositivos, arquitetura e suas exposições, em eventos atuais.

Para iniciar, no que se refere o paradigma do modelo neutro de exposição e sua materialidade abstrata, cabe contextualizar com o conceito de lugar e espaço modernos, utilizando as palavras do arquiteto, escritor e professor da Faculdade de Arquitetura de Barcelona, Josep Maria Montaner:

“O espaço moderno baseia-se em medidas, posições e relações: é quantitativo; desdobra-se mediante geometrias tridimensionais; é abstrato, lógico, científico e matemático; é uma construção mental. Ainda que o espaço fique sempre delimitado- como sucede de forma tão perfeita no espaço tradicional do Panteon de Roma ou no espaço dinâmico do Museu Guggenheim de Nova Iorque-, pela sua própria essência, tende a ser infinito e ilimitado. Ao contrário, o lugar é definido por substantivos, pela qualidade das coisas, e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano.”¹

A percepção do público no século XXI, ainda presa na questão da angustia sensorial dos moldes modernos, reverbera entre a materialidade e todos os aparatos que orbitam neste sistema, em que objetos e ideias encontram seus conflitos suspensos. Caberia dizer que os códigos de conduta adotados, como

¹ Montaner, J. M. (2001) pg 31

ausência de conversas, não possibilidade de interações, sejam sociais ou com os objetos expostos, reforçam a problemática da experiência, leitura e interpretação do material expositivo.

Inês Moreira, arquiteta, curadora e investigadora, no ensaio “O futuro não foi branco”, publicado no Jornal Arquitectos nº 259, reflete e conceitualiza os chamados por ela de brown rooms/grey halls, e fala em “uma lógica higienicista, estética e funcional” onde:

“Zonas essas que, sendo utilitárias e concebidas para os corpos e as suas matérias, são também avessas à apropriação pelos corpos dos seus utilizadores, garantindo que qualquer mancha, sujidade ou imperfeição fique evidenciada e possa ser removida eficazmente”.²

Percepção, público e materialidades orbitam em um movimento advindo dos moldes modernos, que afasta o corpo das pessoas, enfatizando a relação conflituosa entre lugar e espectador. Ao considerar, a partir do pensamento de O’ Doherty que “O espaço é hoje apenas o lugar onde as coisas acontecem; as coisas fazem o espaço existir”³ notamos que o paradigma moderno construiu uma barreira psicológica entre as obras, que rejeitam o olho, com o rigor limpo e claro dos cubos-brancos.

No campo dos investimentos e circuito do turismo cultural global, os programas arquitetônicos, com seus aparatos e configurações características do século XXI, formam uma massa de matéria, com objetivos que servem à funcionalização eficaz, e são registro das últimas conquistas técnicas de desenvolvimento dos efeitos cenográficos consumidos pelo público.

² Moreira, Inês (2018). O futuro não foi branco- após o white-cubismo, os brown rooms/grey halls. Fonte: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/projeccoes-de-futuro/o-futuro-nao-foi-branco>

³ O’ Doherty, B. (2007) pg 36

O ambiente composto por estruturas de aço, concreto armado paredes de vidro, interior asséptico, planta livre, permite a rápida instalação de meios e interfaces comunicacionais. A forma é preenchida pelos aparatos da recepção, informação, segurança, câmeras, áreas de circulação, logomarca, espaço para representação institucional, bilheterias, catracas, detectores de metal, guias audiovisuais, áreas de descanso, livrarias, brindes, lojas, acesso à internet e cafés.

Dado o contexto de programa e características materiais muito comuns em espaços expositivos de hoje, ao refletir os diferentes fragmentos, pensamentos materializados em paradigmas expositivos, são de interesse desta órbita, as características de ordem geométrico-espacial reconvertidas em sistemas imagético-espaciais arquitetônicos, que respondem, muitas vezes à diversas necessidades, sejam de consumo cultural, de mercado, preservação de patrimônio, do sistema de arte, seus diversos agentes e dispositivos expositivos: “Precisamente, a ideia de lugar diferencia-se da de espaço pela presença da experiência. Lugar está relacionado com o processo fenomenológico da percepção e da experiência do mundo por parte do corpo humano.”⁴

Espaços e seus aglomerados imprimem a leitura da narrativa performática dos objetos de arte expostos assim como na arquitetura, que nos moldes modernos, adota uma postura autônoma que se fundamenta sem nenhuma relação com o entorno. A sensibilidade pelo lugar se mostra irrelevante nos projetos de arquitetura moderna e os objetos arquitetônicos, parecem surgir autônomos de contexto. A falta de conexão com o mundo exterior é resquício marcante da objetividade da narrativa, que mantem alguns protagonismos e autoridades, e refletem certas relações de poder, evidenciada pelos aparatos e moldes de exposição, dificultando a abertura de diálogo com o público.

⁴ Montaner, J. M. (2001) pg 37

O que poderia comunicar a materialidade escolhida como suporte dos dispositivos e aparatos expositivos como cavaletes, plintos, paredes, espaços com iluminação artificial e performática, cor branca na parede, vidro, transparência?

“As exposições, como as próprias obras de arte, representam o que pode ser descrito como questões e agendas ideológicas conscientes e inconscientes. Seus aspectos inconscientes, ou menos visíveis, podem ser entendidos como manifestações históricas e códigos sociais. Uma estratégia eficaz para notar essas dimensões frequentemente esquecidas, mas extremamente poderosas das exposições de arte, é analisar seus aparatos expositivos.” ⁵

Uma atualização para pensar a questão dos dispositivos expositivos, reunida na exposição realizada em Lisboa, no ano de 2019, intitulada Art on Display, que assinala os 50 anos do Museu Gulbenkian e tem como ponto de partida as soluções expositivas encontradas para a sua abertura em 1969, recriando formas diferentes de expor, em um lugar neutro, atemporal, que conserva certa permeabilidade visual com o ambiente externo. As soluções expositivas são apresentadas como fragmentos temporais do que foram possibilidades museográficas, entre propostas lúdicas e imersivas, em contraste com outras que caracterizaram a suspensão e fixidez da década de 1950, lembravam as diferentes possibilidades do público enquanto leitores das narrativas da arte.

⁵ tradução livre do original: “Exhibitions like the artworks themselves, represent what can be described as conscious and unconscious subjects, issues and ideological agendas. Their unconscious, or less obviously visible, aspects can be understood as manifestations of historical limitations and social codes. One effective strategy for seeing these often overlooked yet extremely powerful dimensions of art exhibitions is to analyze their installation designs.” Staniszewski, M. A. (1998) p. 63 Staniszewski, M. A. (1998)



Figura 2
Vista da exposição Art on Display, Fonte: gulbenkian.pt

Já na exposição *Souto de Moura – Memória, Projetos, Obras* no ano de 2020, na Casa da Arquitetura, em Matosinhos, a arquitetura industrial, recoberta com asnas de madeira reconstruídas, reconstituem a espacialidade original da história industrial do edifício, abrigando em dois espaços cerca de 40 projetos do arquivo, que incluem obras concluídas, propostas de concursos e projetos não construídos. Entre esquiços expostos em vitrines, maquetas imaculadas em plintos e fotografias de grande escala com foco de luz artificial, a assinatura do autor arquiteto consagrado, reproduz a narrativa do homem e sua obra. Nas palavras dos curadores Francesco Dal Co e Nuno Graça Moura:

“Propõe-se uma viagem ordenada de forma cronológica, sem prejuízo de se permitirem desvios a esta ordem, por forma a tornar claras familiaridades entre projetos de diferentes épocas. Uma seleção de projetos é, por natureza, sempre parcial e incompleta. Neste caso, procurámos destacar um conjunto de elementos de trabalhos que entendemos relevantes para a compreensão da obra e do método de Souto de Moura nos seus diversos aspectos.”⁶

⁶ Souza, Educarado (2019). acesso em: <https://www.archdaily.com.br/br/926734/exposicao-souto-de-moura-memoria-projectos-obras-e-inaugurada-na-casa-da-arquitectura>



Figura 3

Espaço expositivo em moldes modernos, com grandes fotografias, maquetas em plintos, pouca iluminação natural e organização cronológica do material exposto. Casa da Arquitectura no âmbito da exposição Souto de Moura - Memória, Projectos, Obras. Fonte: ArchDaily.

Em outra exposição, *Siza - Inédito e Desconhecido*, com curadoria de António Choupina e Kristin Feireiss, no edifício do Instituto Marques da Silva, no Porto. O tema foi dedicado à arquitetura e o lugar expositivo, que conserva a memória da cultura arquitetónica, foi fragmentado por salas da Casa-Atelier, projeto do arquiteto Marques da Silva, inicialmente com o duplo propósito de habitação e espaço de trabalho. A narrativa uniforme, foi disposta em seu interior amplo, cenográfico e de volumetria articulada ao longo das paredes, vitrinas sacralizadas, esboços de projeto, retratos, não apenas da autoria de Álvaro Siza, mas também da sua família: a esposa Maria Antónia Siza, o filho Álvaro Leite Siza, a filha Joana Siza e o neto Henrique Siza. A mostra teria a proposta de explorar um tema lançado pelo centenário da Bauhaus a partir do legado da obra de Álvaro Siza: académico, familiar e profissional.



Figura 4

Desenhos dispostos em aparato expositivo, organizados de forma cronológica em exposição Siza - Inédito e Desconhecido. Fonte: arquivo pessoal.

Em outra perspectiva, com uma narrativa que fala sobre o lugar no próprio espaço, carregado de camadas de história, o projeto internacional *Technical Unconscious*, realizado no ano de 2014, no complexo da Cooperativa dos Pedreiros, reativa espaços pós-industriais, e seus lugares denominados “brown rooms”, pela curadora e arquiteta Inês Moreira. Em uma grande exposição pública com percurso imersivo ao longo de seis zonas do complexo da Cooperativa dos Pedreiros, os trabalhos artísticos são revelados em dispositivos que compartilham o lugar com pedras, paredes sujas e escurecidas pelo tempo, ou ainda esverdeadas pela água que se infiltra da antiga pedreira. Diferente da narrativa homogênea em um espaço não-convencional, o projeto traz a memória inconsciente do lugar, e leva o público a percorrer os espaços de trabalho técnico, sala de desenho, auditório, oficinas, hangar, e museu existente, proporcionando justaposições e múltiplas leituras, que contrariam os aspectos abstrato, hermético e limpo modernistas.



Figura 5

Visitantes a percorrer um dos espaços da exposição *Technical Unconscious*, onde os aspectos das paredes entre outros detalhes da materialidade, mostram a ação do tempo.

Fonte: facebook.com/technicalunconsciousproject

As diferentes narrativas com suas materialidades expositivas, entre o aspecto experimental dos dispositivos e aparatos expositivos, como mostra o caso de Art on Display, ou que reativam edifícios com potencial de muitas interpretações de sua materialidade como Technical Unconscious, e mesmo as que ocupam arquiteturas com camadas de história, mas que preservam a narrativa linear do autor e sua obra, como é o caso de Siza - Inédito e Desconhecido e Souto de Moura – Memória, Projetos, Obras, marcam os paradigmas da arquitetura e suas distintas exposições.

Os agentes presentes na materialidade destes espaços, conscientes e inconscientes, atuam em pressões de várias direções, sejam elas de mercado, do circuito das movimentações globais, e evidenciam desafios acerca de gestão, manutenção, custos e todos os investimentos que implicam complexos processos para as políticas de ocupação e permanência da arquitetura. As decisões refletem no estatuto do objeto de arte, sua leitura, e também as interfaces com os utilizadores destes lugares expositivos e seus aparatos. Ao responder aos diferentes programas e suas tensões, a arquitetura abriga e materializa em dispositivos de exposição, paradigmas de diferentes ordens espaciais.

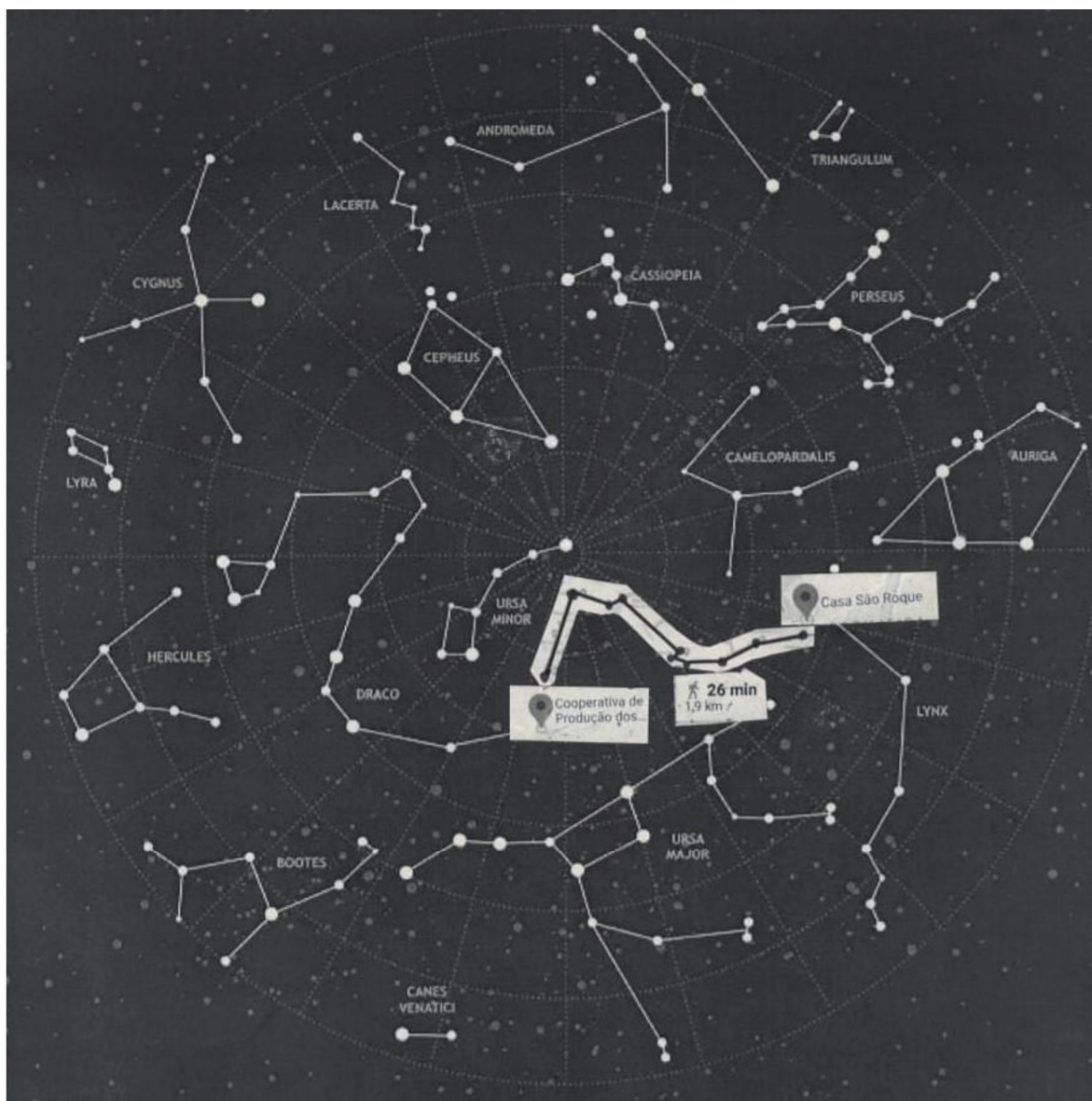
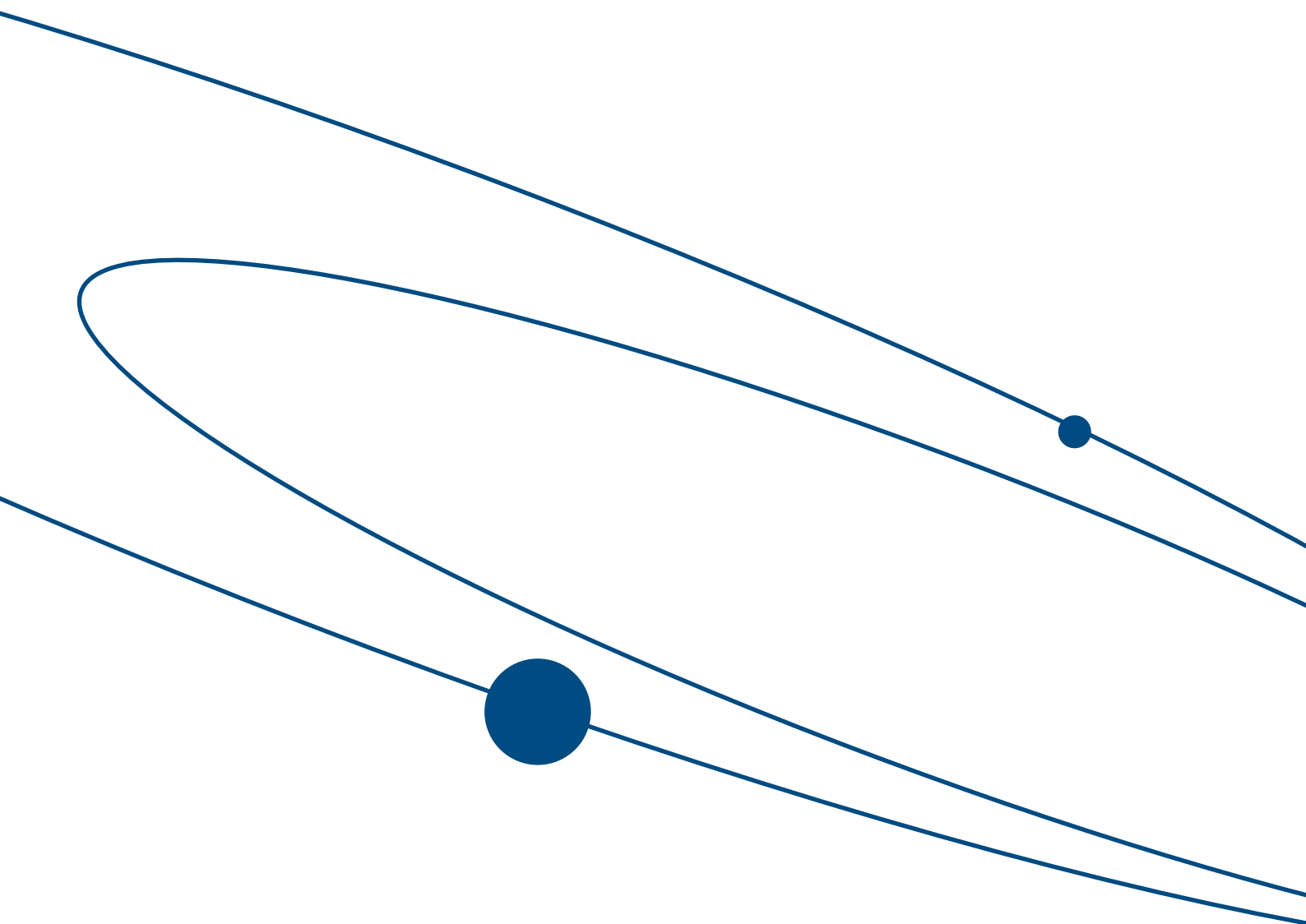


Figura 6
 Constelação de arquiteturas, seus pontos e ligações - trajeto da Cooperativa à Casa São Roque
 Montagem por Monique Bernardine

Órbita 2

Curadoria de Edifícios



Após traçar uma análise atualizada de alguns lugares, dispositivos expositivos e narrativas das exposições abordadas acima, este capítulo se concentra na performatividade material e formatações que fogem ao paradigma dos moldes modernos. Também, as potencialidades curatoriais e as novas possibilidades de contar o edifício. Nesta órbita, a proposta se desenvolve no espaço das intersecções entre Cooperativa dos Pedreiros e Palacete Ramos Pinto, e como a curadoria pode atuar a partir das arquiteturas e seus respectivos programas de utilização, de forma a propor outros sistemas de reflexão.

A curadoria de edifícios pode encontrar potencialidade em diferentes ciclos, que não são necessariamente progressistas, podendo ser orgânicos, entre projeto e construção, utilização e abandono, remodelação e novo uso.

O estaleiro de obras de um futuro museu pode, por exemplo, abrigar a programação de uma exposição. Há trabalhos na Fábrica realizada em 2014 no recinto do estaleiro de obra das Fábricas da Levada da Cidade de Tomar, espaço que se encontrava fechado desde 2008 para fins de reconstrução e prospecção arqueológica, foi destinado ao novo Museu de Indústria, com inauguração em 2015.⁷ Eventos que convidam o público a visitar espaços que despertam interesse da comunidade, como o Open House, revitalizações de lugares devolutos por iniciativas independentes para fins culturais e reabilitações de edifícios que adotam novos programas, configuram propostas que cruzam as competências de arquitetos e outros profissionais, de modo a ampliar as possibilidades da arquitetura enquanto ferramenta curatorial.

Os edifícios apresentados a seguir marcam a paisagem urbana pelos seus aspectos espaciais e merecem uma aproximação acerca de suas utilizações e atualizações.

⁷ ver <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13512.pdf>

Cooperativa dos Pedreiros e Projeto Technical Unconscious

José Moreira da Silva foi um dos dez fundadores da SCPOPP, com início em março de 1914, tinha o intuito de promover a cooperação entre os pedreiros, e ajudar a defender os interesses da classe em um momento de fortes tensões sociais. No período de 1927, a Cooperativa investiu os próprios rendimentos obtidos em obras realizadas, na compra de um terreno em que, anos depois, foi lugar de início das obras do complexo de edifícios da Cooperativa dos Pedreiros. David Moreira da Silva, filho do idealizador José Moreira da Silva, participou na elaboração do projeto, que teve a obra iniciada em 1937, e mais tarde, projeto em parceria com a mulher Maria José Marques da Silva, materializaram-se o Edifício Sede e Oficinas.

A Cooperativa, como um aglomerado plasticamente fértil, decadente e socialmente carregado de história, foi concluída no ano de 1953, e consistia em um conjunto de edificações que correspondem ao edifício sede, as oficinas, os diferentes espaços destinados aos operários pedreiros e, finalmente, a torre residencial/albergaria e academia.

As volumetrias são desenvolvidas na horizontal e depois, um outro elemento volumétrico se impõe pela sua verticalidade. O primeiro edifício deste conjunto corresponde às primeiras oficinas e armazéns da SCPOPP, o segundo, à Torre Miradouro - ambos marcam a paisagem urbana possuindo uma dimensão temporal, em uma imagem de conjunto, adaptado à topografia do lugar, situados em diferentes níveis que se destinavam a dormitórios coletivos, enfermaria, gabinete médico,

sala de curativos, sala de aula, biblioteca, gabinete da direção, balneário e WC, refeitório, armazém, casa da caldeira, sala de sessões, sala de repouso. As oficinas voltadas para a rua de Anselmo Braamcamp, já o pavilhão destinado à Gerência na rua da Alegria.

A Cooperativa dos Pedreiros teve um papel de relevo nos últimos séculos de construção da cidade do Porto, seja no fornecimento de granitos e pedras decorativas ou na emancipação relativa à capacitação profissional dos pedreiros, seja na execução de obras de arte, monumentos, ou na obra de importantes arquitetos.

No ano de 2014, a Cooperativa dos Pedreiros foi reativada pelo Technical Unconscious, organizado pelo projeto Europeu Materiality, produzido pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com curadoria de Inês Moreira. Já citado anteriormente neste trabalho, pela característica de sua narrativa curatorial, em uma arquitetura não convencional, a proposta de investigação multidisciplinar, em um espaço pós-industrial contou com uma abordagem, que segundo Inês Moreira que se utiliza da “história da produção técnica e analógica, seja pela referência a modos de conhecimento incorporado e inconsciente que, todos, transportamos: artistas residentes, ex- trabalhadores, jovens estudantes e o público visitante. Os trabalhos artísticos comissariados à artistas e criadores convidados, exploravam técnicas, ferramentas e materiais anacrônicos encontrados nos espaços da Cooperativa, trazendo-os à superfície.”⁸

⁸ Moreira, Inês (2018). O futuro não foi branco- após o white-cubismo, os brown rooms/grey halls. Acesso: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/projeccoes-de-futuro/o-futuro-nao-foi-branco>

No início do percurso pelos espaços expositivos encontrava-se a sala de desenho, que foi escolhida como entrada do projeto Technical Unconscious, com importância simbólica na emancipação do trabalhador e na sua capacitação dentro da Cooperativa, representa um lugar de ensino e conhecimento técnico, com estrutura à vista, o espaço foi recuperado para receber a exposição.

“Salas antigas, históricas, abandonadas, acidentadas, hangars industriais desocupados e inactivos, arquitecturas toscas, de betão ou decadentes são espaços plasticamente férteis e socialmente carregados de histórias que se prontificam a ressoar no espaço. Questões como a performatividade do espaço, a activação dos sentidos ou a temporalidade, sejam as marcas da passagem do tempo ou as das apropriações efémeras, são potenciadas pelas suas qualidades “não- convencionais.”⁹

A performatividade da arquitetura e suas camadas potencializaram as possibilidades de leitura da exposição e do espaço expositivo. Tendo seu inconsciente técnico abordado como revelador de modos de conhecimento diversos, em um delicado trabalho de campo nos espaços devolutos, o projeto permitiu a abertura de arquivos e estabeleceu ligações com materialidade e memória.

⁹ Moreira, Inês (2018). O futuro não foi branco- após o white-cubismo, os brown rooms/grey halls. Acesso: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/projeccoes-de-futuro/o-futuro-nao-foi-branco>

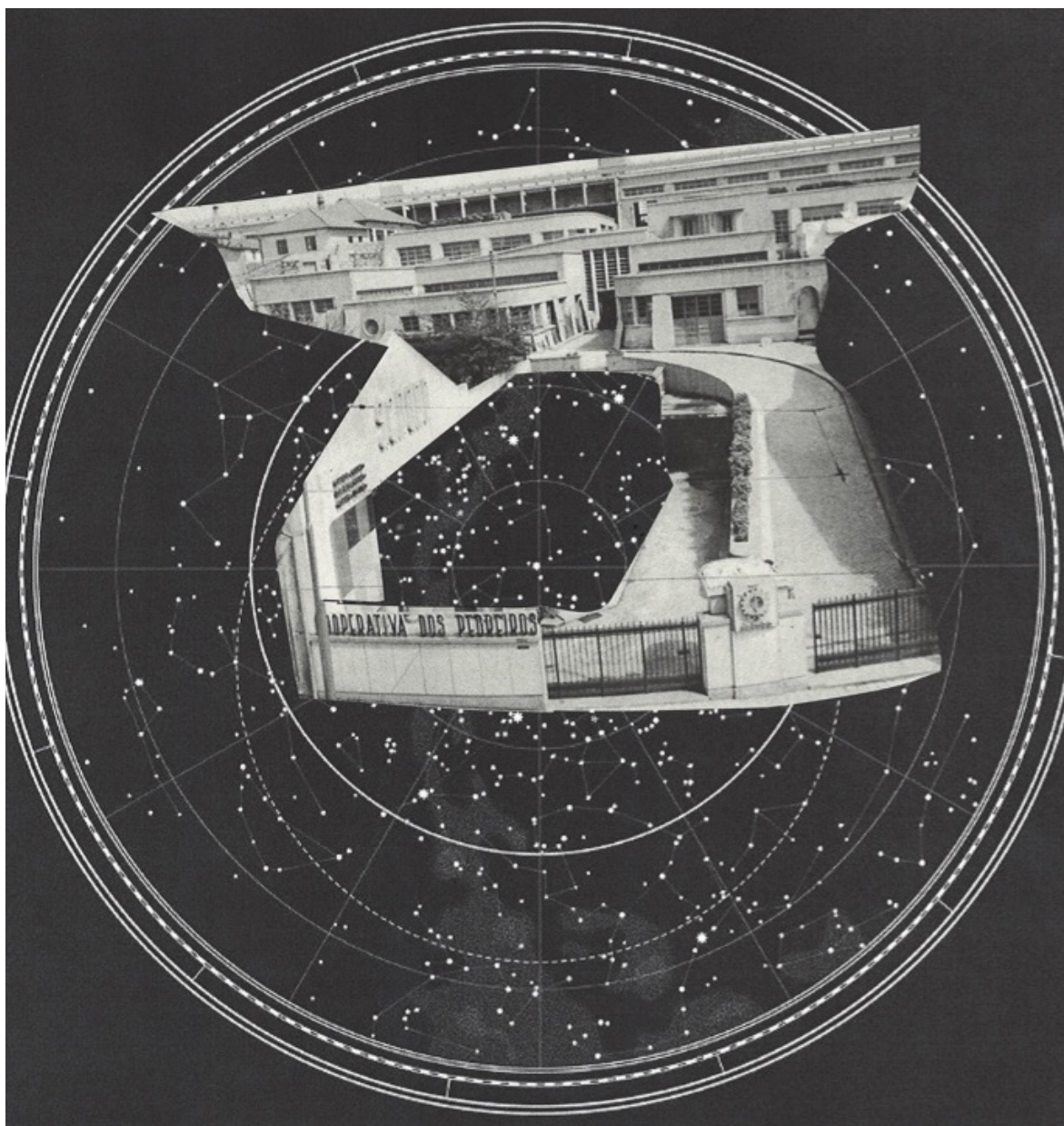


Figura 7
Cooperativa dos Pedreiros em órbita.
Montagem: Monique Bernardine

Palacete Ramos Pinto e Casa São Roque

O Palacete Ramos Pinto terá sido a primeira intervenção do arquiteto José Marques da Silva, no contexto de uma requalificação de obra existente, sendo o gestor Antônio Ramos Pinto, um dos seus primeiros clientes. Para a família Ramos Pinto também realizou um chalé com vistas para o mar, na Praia da Granja.

José Marques da Silva, por sua vez, arquiteto responsável por projetos icônicos da cidade do Porto e professor de arquitetura na Academia de Belas-Artes, foi uma das principais referências como autor no espaço da monumentalização da urbe da cidade do Porto durante as primeiras décadas do século XX, influenciado pela Academia Portuense e reafirmado na experimentação dos ateliers des Beaux-Arts de Paris.

No contexto de Campanhã, na altura periferia, a moradia em quinta circundada por uma mata, data de 1792, teve origem como unidade de produção agrícola e sofreu remodelações e acrescentos, tomados a partir de uma construção original, na simplicidade da tradição das periferias rurais com sinais de alguma prosperidade. Com a alteração do estatuto social dos moradores, o espaço sofreu adaptações aos usos qualificados de uma burguesia casa vez mais presente, poderosa, inquieta, por força das transformações políticas que vinham ocorrendo nesse tempo. A família Ramos Pinto valorizava a espetacularidade da composição arquitetônica, que por sua vez era suportada pelos excedentes de capital financeiro vindo do Brasil pela exportação de vinhos do Porto.

Marques da Silva foi responsável pelo programa arquitetônico de remodelação de 1900 à 1910, inicialmente destinado à morada da família burguesa Ramos Pinto. Sendo a data de 1910, a marca da altura que o edifício teve sua imagem pública “engrandecida” com o prestígio denominado “palacete”. Com características marcadas pelo período, preserva em detalhes e volumetria, das

“casas de brasileiro”, com sua materialidade de afirmação, evidenciam e se colocam no terreno enfatizando a grande dimensão, imponência volumétrica. A intenção era invocar o poder de realização dos proprietários, e utilizar os elementos especiais de evidenciação da imagem exterior, com a montagem de grandes varandas nos andares mais altos, revestimento de azulejos e outros elementos de diferenciação.

As soluções inovadoras encontradas nas remodelações, ao longo do tempo, resultaram da intervenção de projetos potencialmente mais capazes de dar resposta à exigência de modernidade dos clientes tornados ricos, conhecedores de conforto oferecido pelo mundo em transformação e também pelas relações com o mercado brasileiro e dinâmica economia. Prova de uma alteração significativa, na data de 1908, foi a construção da garagem, em que o modo de vida das famílias é alterado com a chegada do automóvel.

Em 1978 a Câmara Municipal do Porto compra a propriedade, sendo a mata e jardins abertos ao público com a denominação de Parque de São Roque. Funcionou no espaço também o Gabinete de Planeamento Urbanístico, Divisão de Parques e jardins, que em 2007, foi transferido para o Parque da Cidade ficando o Palacete devoluto. Em 2016, acontece a parceria entre a Câmara e a associação privada, que arrenda a casa por 15 anos.

O atual edifício, enquanto centro de arte, na qualidade de instituição privada, foi recuperado pelo arquiteto João Mendes Ribeiro. O espaço foi inaugurado no ano de 2019, período de finalização de sua remodelação e primeira exposição enquanto centro de arte contemporânea. O programa adotado, com curadoria de Barbara Piwowarska, tem em suas primeiras exposições a proposta de abordar o processo de transição de morada para espaço expositivo.

É evidente a influência da materialidade na produção da curadoria e dos artistas, alguns deles convidados a desenvolver a produção artística no próprio lugar, nos espaços que em seguida são utilizados para a exposição. O lugar, influencia as decisões expositivas, de produção e montagem, assim como os conceitos adotados

para o discurso curatorial.

A materialidade presente em fragmentos, em aspectos decorativos e algum mobiliário que se mantém nos espaços expositivos, estabelecem ressonâncias com as produções contemporâneas. Como na exposição de 2021, Footnote 14: Angel of History, projeto de Barbara Piwowarska, que propõe um apanhado com teor histórico, tem a narrativa apoiada na obra de Walter Benjamim e artistas que trabalham na temática influenciada por ele. Os conceitos relativos à modernidade e progresso material, inspirados em pensamentos Benjaminiados, acabam por atrair um público específico, porém a arquitetura atrai um público geral, assim como sua história e as memórias de pessoas que utilizaram o espaço.

A Casa São Roque, denominação atual do Palacete Ramos Pinto, seria um híbrido proveniente do cubo branco, que preserva a sua volumetria original, tendo as cores originais, em alguns elementos de madeira, apagadas pela tinta branca. Sugere a história, ao mesmo tempo que preserva originalidade em outros elementos, que entregam as camadas de seus diferentes tempos.

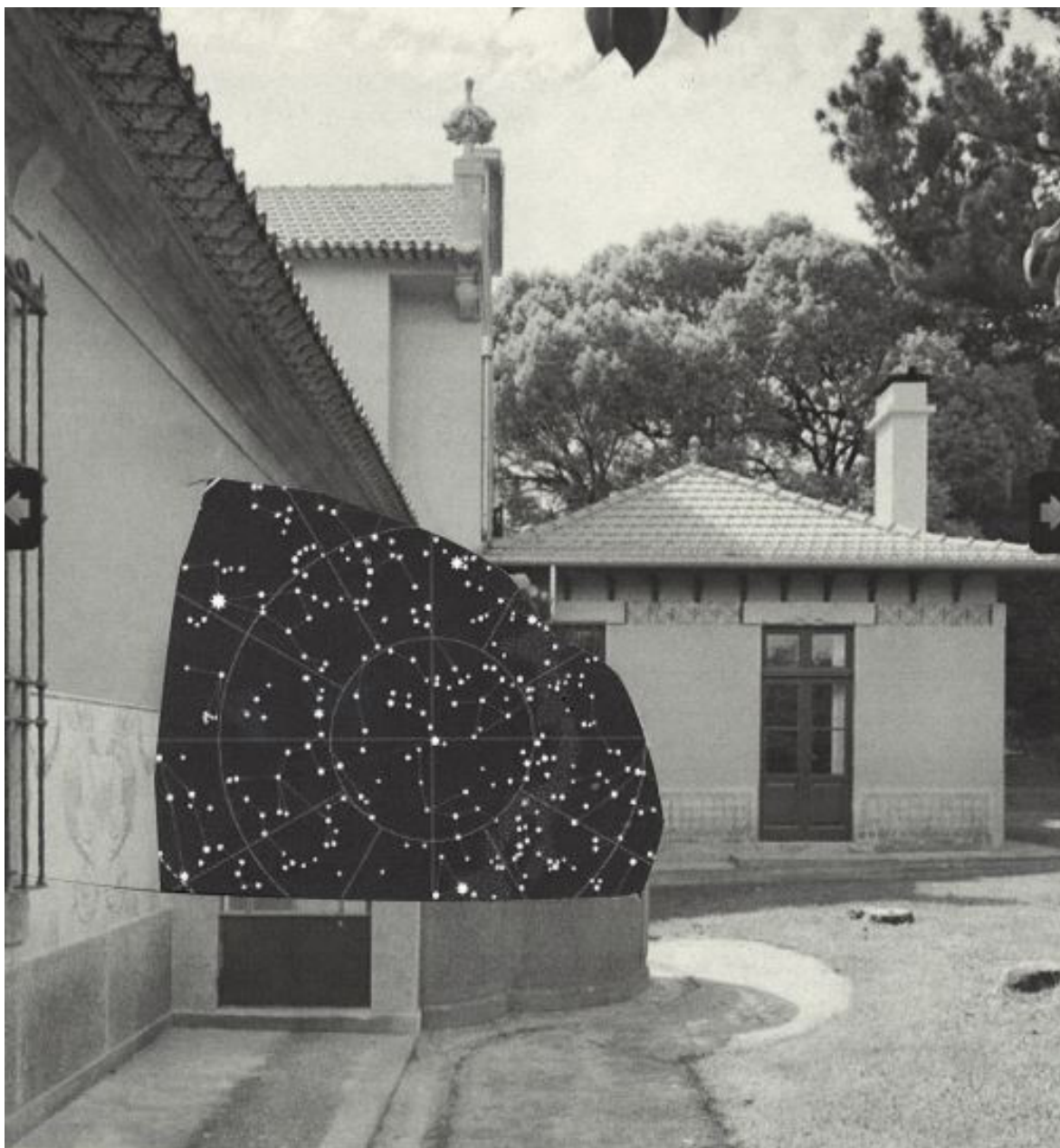


Figura 8
Casa São Roque em órbita.
Montagem por Monique Bernardine

Cruzamento entre os pontos da constelação de arquiteturas

A Casa São Roque, foi escolhida principalmente pela relação de proximidade afetiva devido à experiência profissional. Já a descoberta das intersecções do Palacete Ramos Pinto com a Cooperativa dos Pedreiros, se deu em conversas com a orientadora do presente projeto. O complexo de edifícios da Cooperativa dos Pedreiros, enquanto outro ponto da constelação, foi escolhido devido a performatividade material e sobreposições, sendo a arquitetura ponto de conexão.

De acordo com documentação do sistema de informação para o patrimônio arquitetônico¹⁰, no ano de 1979, a Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses esteve presente em intervenções da materialidade da Casa São Roque. Também houve a presença do trabalho de José Marques da Silva nas primeiras obras da Cooperativa dos Pedreiros.

A partir destes dois edifícios, surgem alguns questionamentos relativos à preservação da arquitetura, à relevância da performatividade material destes espaços e suas possibilidades de narrativas curatoriais. Em um fluxo contrário ao da especulação imobiliária, estes exemplos podem potencializar pontos de partida para reflexões de vários outros interesses especulativos, já que seus projetos tiveram origens por diferentes motivos e conseqüentemente, refletem diferentes utilizações ao longo do tempo.

O recorte temporal que os relaciona na constelação de arquiteturas se dá no ano de 2014 e 2021, Cooperativa dos Pedreiros e Palacete Ramos Pinto, respectivamente, tiveram seus edifícios utilizados enquanto espaços expositivos. Ambos se caracterizam pelas preexistências, pela performatividade de suas

¹⁰ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27171

arquiteturas. Nestes edifícios, enquanto espaços de reflexão, a curadoria tem a potencialidade de propor o pensar acerca da política da imagem, da narrativa e da transversalidade de seus agentes.

A leitura dos diferentes programas arquitetônicos destes espaços, assim como as informações relacionadas às essas orbitas e suas respectivas atualizações no tempo do agora, são materiais de inúmeras possibilidades curatoriais. A diversidade dos usos e performatividade da arquitetura, nestes casos, imprime um aspecto não- estático aos edifícios, o que potencializa o pensar curatorial. Em sentido contrário a soluções que “preservam”, os conceitos adotados pela curadoria ganham em assumir e incorporar as mutações.



Figura 9

Imagem de edificação apresentada com uma proteção de vidro, como um artefacto estático.

Fonte: Projecting Memory

A Cooperativa dos Pedreiros e a Palacete Ramos Pinto, se cruzam a partir das conexões de seus arquitetos, seus espaços de reflexão, educação, e se contrastam pelas iniciativas de suas concepções originárias, entre formação técnica para emancipação profissional e abrigo de família burguesa, por motivos de decisões relativas às políticas de investimento e manutenção destes espaços e todas as questões que implicam a suas permanências e decadências.

É interessante notar o contexto urbano em que os edifícios se inserem, as casas edificadas em seus entornos e como os elementos se contrastam. A paisagem urbana do Porto é marcada por alguns espaços obsoletos e outros que já mostram a movimentação de uma tentativa de absorver o crescimento de novas atividades econômicas.

Em crítica publicada no Jornal Arquitectos nº 257, Inês Moreira fala sobre a “Euforia, Nostalgia e Transgenia no Porto Oriental”, em decorrência de pesquisa para o programa cultural Open House Porto 2018. Levanta a questão da transformação cultural de edifícios abandonados como possibilidades de atenção para inscrição em mapas de investimento e especulação em que comunidade local e artistas podem se tornar vítimas da gentrificação. Ao considerar que “A nostalgia implícita na reconversão é mais próxima do pragmatismo da ocupação de espaços disponíveis do que de uma noção de valor histórico ou arquitetônico..”¹¹

Projetos e iniciativas que acontecem em espaços obsoletos, podem utilizar suas reconversões, não só como alternativas para escoar a tensão imobiliária e de turismo, concentrada no centro histórico, mas como oportunidades de um olhar com mais atenção aos edifícios com valor arquitetônico e também os agentes que são impactados, trabalhadores e comunidade.

¹¹ Moreira, Inês. (2018). Euforia, Nostalgia e Transgenia no Porto Oriental. acesso: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/euforia-nostalgia-e-transgenia-no-porto-oriental>

Assim como os edifícios, suas diferentes utilizações e seus programas arquitetônicos podem atuar enquanto possibilidades curatoriais e de atualização da memória coletiva de uma sociedade, sendo a curadoria também propulsora de iniciativas e projetos que incorporam e transportam artistas, público e trabalhadores dos próprios espaços.

“O passado, “outro”, permanece um espaço de luta e de tensão no presente, no tempo do “agora”, mas também nos sonhos de futuro, mesmo passados. Trata-se de confrontar a linearidade temporal ao explicitar o encontro conflituoso do “outro” com o “agora”, permitindo sobrevivências e tensões de outros tempos.” ¹²

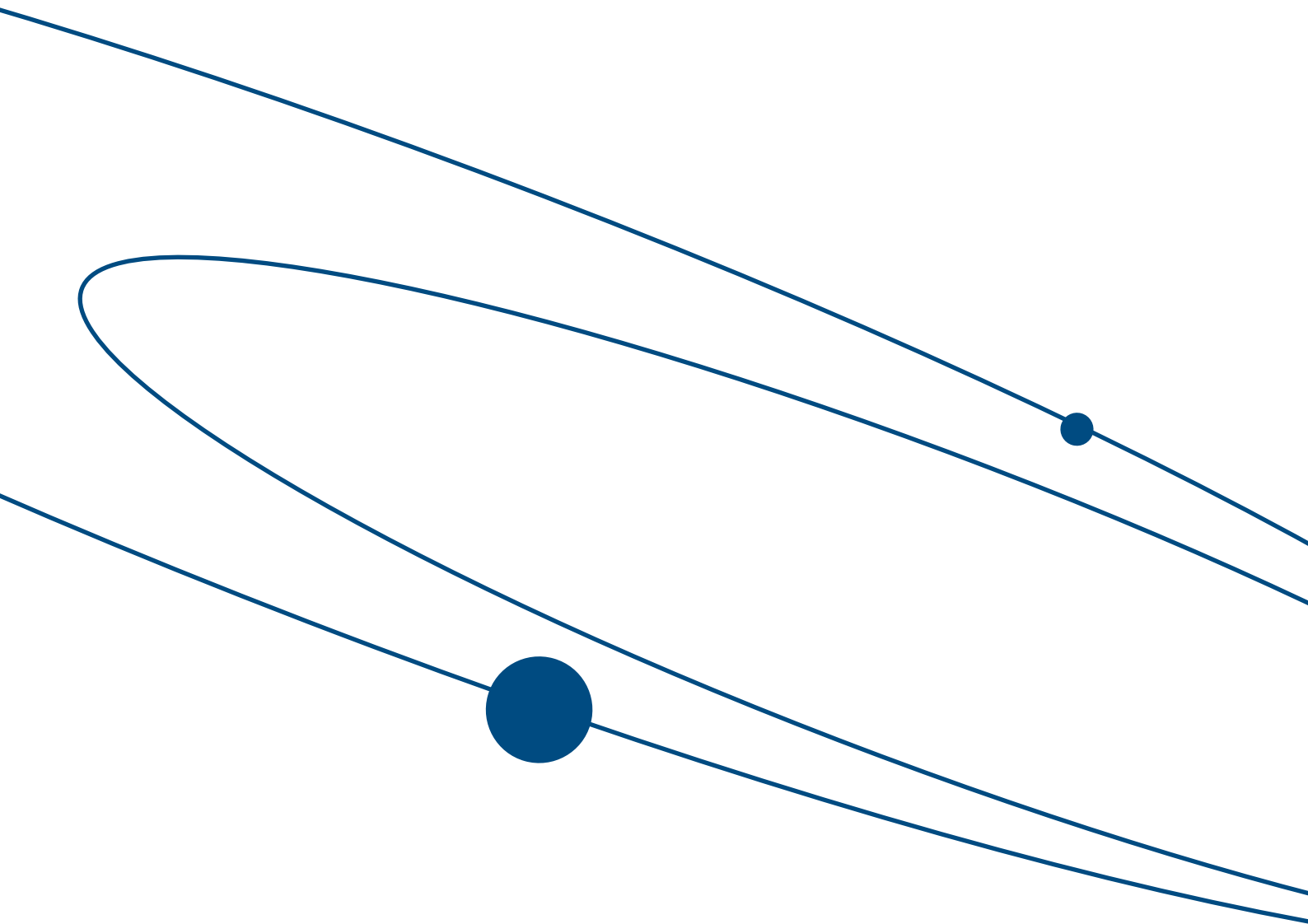
A relevância desta proposta que pensa Palacete Ramos Pinto e Cooperativa dos Pedreiros, se dá pelo fato de que, ao olhar para as materialidades e contextos, pode-se articular as relações entre edifícios, suas camadas de leitura em diferentes épocas, ou “tensões de outros tempos”, como cita Paola Berenstein Jacques ¹³, suas intersecções, seus contextos históricos, e criar uma instigante ressonância entre os espaços, a arquitetura, suas reflexões e exposições.

¹² Pensar por montagem, em texto que exemplifica conceitos urbanísticos inspirados na obra de Walter Benjamim. Jacques, P. B., Pereira, M.S.(Org.).(2018) pg 223

¹³ Arquiteta e Urbanista, professora da Faculdade Federal da Bahia e do programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma faculdade.

Órbita 3

Performatividade da Arquitetura



O material apresentado nesta órbita compõe uma forma visual de conhecimento, são registros, alguns documentados pelo meu olhar, outros a partir do olhar de pessoas que vivenciaram os espaços. São constelações de imagens, ganham significados de conjunto a partir dos seus respectivos elementos, que mostram a utilização dos programas arquitetônicos. São fragmentos que documentam os corpos que orbitaram nestes espaços, são imagens de atualizações a contar o edifício, como registro de presenças.

Didi-Huberman, em *A Sobrevivência dos Vaga-Lumes*, argumenta acerca da imagem, dos “lampejos”, que marcam a performatividade material e coexistências:

“A imagem: aparição única, preciosa, é, apesar de tudo, muito pouca coisa, coisa que queima, coisa que cai. Tal é a “bola de fogo” evocada por Walter Benjamin: ela apenas “transpõe todo o horizonte” para cair sobre nós, nos atingir (échoir). Ela apenas raramente se ergue em direção ao céu imóvel das ideias eternas: em geral, ela desce, declina, se precipita e se danifica sobre nossa terra, em algum lugar diante ou atrás do horizonte. Como um vaga-lume, ela acaba por desaparecer de nossa vista e ir para um lugar onde será, talvez, percebida por outra pessoa, em outro lugar, lá onde sua sobrevivência poderá ser observada ainda.”¹⁴

As presenças dos corpos que orbitam estes lugares, exercem uma ação que impacta a imagem da arquitetura, são suporte, substituem os aparatos e dispositivos, podem assim, contar o edifício. As presenças depositam camadas de memória coletiva, de impressões e percepções que significam, extraídas de suas respectivas experiências do espaço.

¹⁴ Didi-Huberman. G., (2011) pg 170

Casa São Roque



Fig. 10
Maria Virginia – proprietária
no Palacete Ramos Pinto
Jardim 1916

Fig. 11
Jardim de Inverno em ruínas 2016

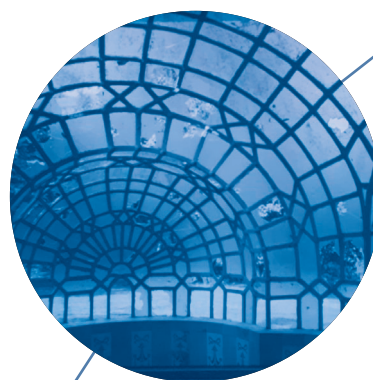


Fig. 12
Concerto no Jardim 2021



Fig. 13
Visitantes e Dan Graham
Jardim de Inverno 2019



Fig. 14
Visitantes em Apresentação
de Laís e Chantal Benjamim
Jardim 2020



Fig. 15
Maria Virgínia e filhas
Jardim 1916

Fig. 16
Mobiliário interior
sala de jantar 1916



Fig. 17
Evento vinho do Porto
sala de jantar 2021



Fig. 18
Desmontagem mesa jantar
sala de jantar 2021





Fig. 19
Sala de Jantar em abandono 2016



Fig.20
Mediação com estudantes
Sala de Jantar 2021



Fig. 21
Visitante a ler
Sala de livros 2021



Fig.22
Maria Virgínia e Ramos Pinto
Fachada da casa 1916



Fig.23
Conferência com João Barrento
Jardim 2021



Fig. 24
Colaboradora da Casa São Roque
Fachada da casa 2021

Fig. 25
Visitante em espaço expositivo
Lagar da casa 2021



Fig. 26
Monitoras do educativo
sala de livros 2021

Fig. 27
Colaboradora Casa São Roque
Lagar 2021





Fig. 28
Monitores do Educativo
Garagem 2021



Fig. 29
Ana Jotta em visita guiada
Garagem 2019



Fig. 30
Monitoras do Educativo
Garagem 2021

Fig. 31
Monitores do Educativo
Garagem 2021

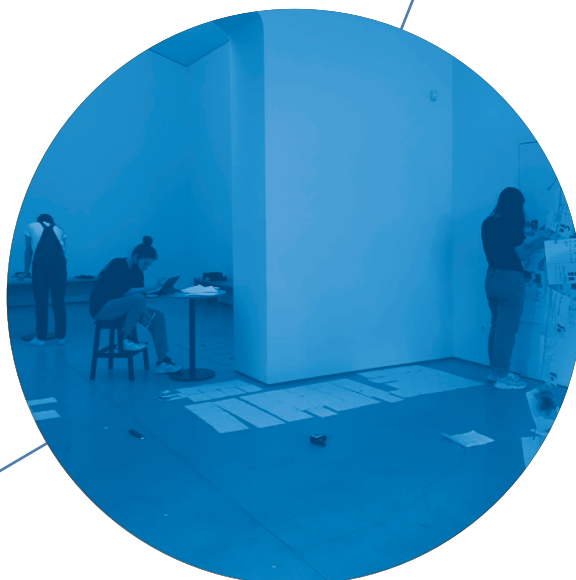


Fig. 32
Estudante em visita à
exposição do programa
educativo
Garagem 2021

Cooperativa dos Pedreiros



Fig. 33
Monitores em percurso
da Casa São Roque à
Cooperativa dos Pedreiros
Contexto urbano 2021



Fig. 34
Visitantes em inauguração do
projeto Technical Unconscious
Cooperativa dos Pedreiros 2014



Fig. 35
Monitores em visita à Cooperativa
dos Pedreiros
Museu 2021

Fig. 36
Espaço expositivo
Galeria Nuno Centeno 2020

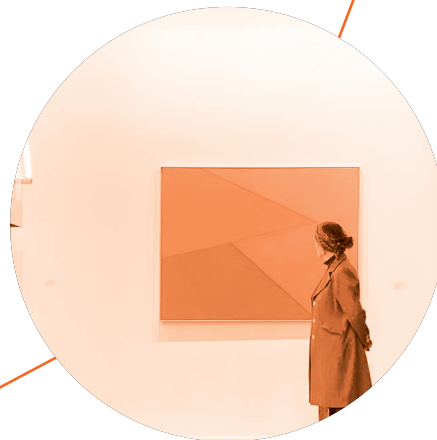


Fig. 37
Visitantes em espaço expositivo
Galeria Oitavo 2019



Fig. 38
Performance no âmbito do
projeto Mudares
Espaço exterior - Cooperativa dos
Pedreiros 2020





Fig. 39
Trabalhadores a
transportar pedras
Cooperativa dos Pedreiros 1959



Fig. 40
Coworking Oficina 2
Cooperativa dos Pedreiros 2019

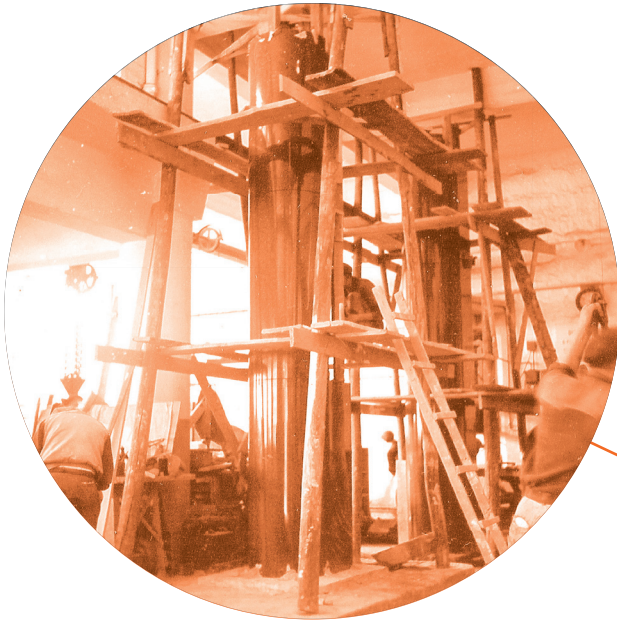


Fig. 41
Trabalhadores
Cooperativa dos Pedreiros 1930-1970



Fig. 42
Visitantes em
projeto Technical Unconscious
Auditório -Cooperativa dos Pedreiros 2014



Fig. 43
Restaurante Portucale
Cooperativa dos Pedreiros 2021

Fig. 44
Monitores da Casa São
Roque em visita aos
espaços
Cooperativa dos Pedreiros 2021

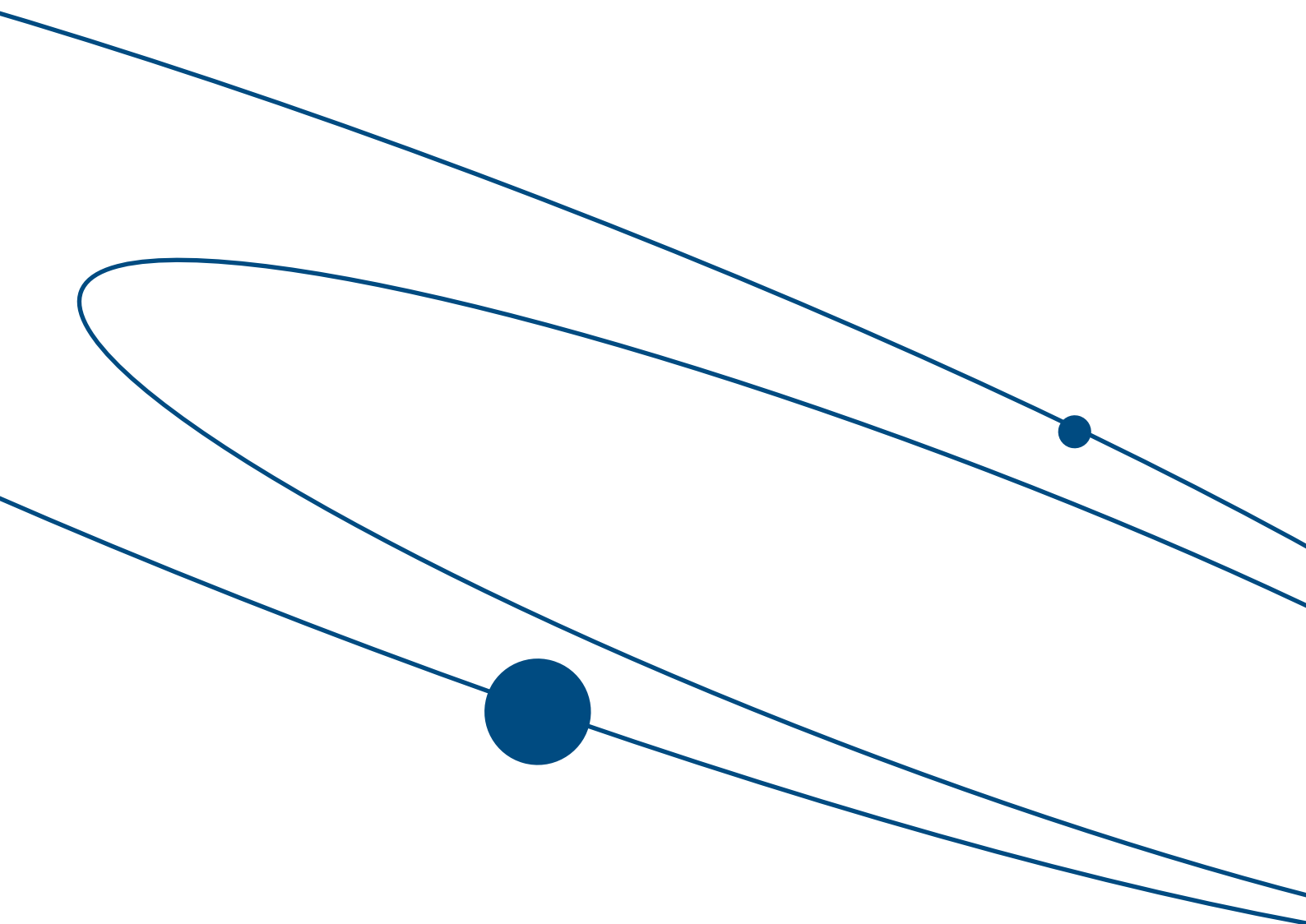


Fig. 45
Visitantes do
projeto Technical
Unconscious
Cooperativa dos Pedreiros 2014



Órbita 3

Proposta Curatorial



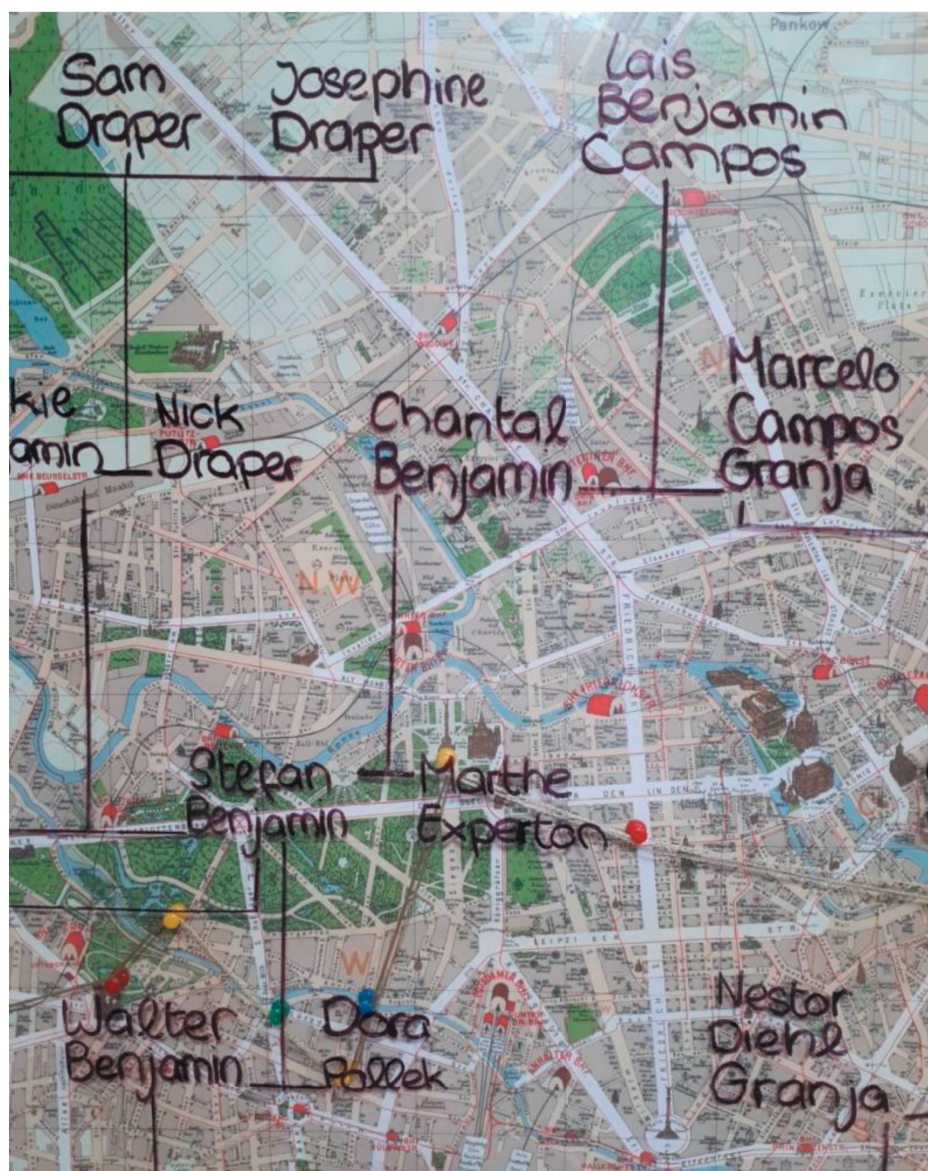


Figura 46

Mapa com intervenção de Laís Benjamin. Foto: Monique Bernardine¹⁵

¹⁵ Intervenção em Mapa da cidade de Berlin, por Laís Benjamin, bisneta de Walter Benjamin. Os pontos coloridos estão ligados por um fio, que conectam a "constelação", os edifícios onde a família morou. Também mostra uma representação da árvore genealógica da família, até a geração de Laís.

O projeto **órbitas arquitetônicas: espaço, performatividade e possibilidades curatoriais**, tem início no trabalho de campo nos edifícios, expande a investigação para materiais históricos, arquivos de imagens, fotografias dos espaços em alguns diferentes tempos de suas utilizações, e também fotografias pessoais. Ainda, tem interesse em histórias imateriais, subjetivas, emotivas e afetivas, em uma conexão de perspectivas da curadoria com história, cultura material e imaterial.

A curadoria enquanto propulsora de relações, e a arquitetura enquanto ferramenta trabalham juntamente com a mediação e concebem o espaço como componente fundamental deste projeto.

A proposta busca uma multidisciplinaridade que se dá não só pelo cruzamento de âmbitos curatoriais e arquitetônicos, como a contribuição do público. Busca também atribuir a presença deste público na atualização da imagem e memória dos edifícios, de forma a adicionar novas narrativas.

O presente projeto propõe outros espaços de reflexão, propõe um sistema, uma estrutura de pensamento, onde processos atuam em um movimento de rotação, entre curadoria e mediação. Desta forma, pretende-se ampliar e diversificar narrativas e leituras, atualizar com impressões do tempo do agora.

Ao adotar elementos educativos, a proposta da plataforma de mediação de arquitetura experimenta novas interpretações a partir das camadas resultantes das percepções das pessoas presentes nestas materialidades.

A reflexão se inicia com os questionamentos: porquê e para quem seria importante uma reflexão e leitura das arquiteturas dos espaços escolhidos. O direcionamento do público foi pensado no sentido de participação das pessoas que se relacionaram diretamente com estes edifícios, e que puderam percorrer suas materialidades. A proposta tem como exercício inicial a mediação das impressões do público e do arquivo de imagens, com o objetivo de ampliar as perspectivas de leitura da arquitetura e suas respectivas materialidades.

Por fim, em um movimento de rotação deste sistema, em torno de uma massa, seja material-arquitetônica, seja de pensamento-questionamento, a partir da atualização do arquivo destas arquiteturas, por fragmentos de imagens e palavras resultantes da mediação, as impressões em memórias coletivas podem ser utilizadas posteriormente por artistas, investigadores, curadores entre outros que tenham interesse na documentação do uso e programa arquitetônico do tempo do agora.

A figura da curadoria, neste caso, atua enquanto propositora de uma linha interpretativa em busca de novas narrativas e atualizações. Neste projeto, curadoria e mediação atuam de modo a impulsionar novas leituras do espaço arquitetônico, assim como a tentativa de provocar a experiência, a partir do momento prático da plataforma de mediação de arquitetura. O projeto é um exercício de processo, um sistema que tem base na investigação curatorial e metodologias de mediação.

Pode-se dizer que os edifícios escolhidos reúnem uma série de elementos, que impulsionam reflexões, entre programas de utilização e performatividade plástica. A partir da materialidade da arquitetura, poderíamos propor um olhar acerca do contexto espacial em que o público se encontra. As impressões e leituras de um projeto curatorial são influenciadas por este conjunto, que se inicia no espaço, percorre todos os aspectos de comunicação, entre palavras, textos, conceitos e aparatos, como sugere Inês Moreira quando fala que “a materialidade não apenas atua na mediação, mas também constrói conhecimento.”¹⁶

¹⁶ Tradução livre do original: “Materiality not only mediates, it builds knowledge. Moreira, I., (2012). Materiality. p.40.

Seria interessante questionar para que e quem a arquitetura e suas exposições deveriam ser mediadas, com suas perspectivas e leituras ampliadas? Além de possibilitar uma procura de maior integração com a sociedade, a formação de público capaz de interpretar e valorizar a arquitetura do contexto urbano onde vivem é essencial, de forma que se possa ter uma elevação da discussão acerca da prática, da difusão de seu conhecimento, seja informativo ou indagativo. E principalmente da sua qualidade, fato diretamente relacionado com a condição de vida das pessoas.

Mediar a arquitetura e suas exposições interessa também ao público especializado, ao contribuir para seu amadurecimento enquanto profissionais, e aos artistas e curadores, como parte de processos de pesquisa e investigação. Os interesses podem orbitar entre muitos públicos, e além destes, existe a promoção de projetos curatoriais que investigam novos processos de experienciar o espaço, na tentativa de um diálogo entre a técnica e o sensível, sendo a curadoria e mediação propositores processuais, como comenta Inês Moreira:

“O pensamento processual permite envolver-se com as dimensões do fazer como parte do conceito de curadoria e retratar o espaço material e seus aspectos técnicos como camadas de um projeto curatorial. Como coordenador e observador crítico, o curador se aproxima de um produtor: intervindo nos processos materiais, criando espaço para a participação e para explorar a experimentação / contingência como modalidade de pesquisa e prática. ” ¹⁷

¹⁷ Tradução livre do original: “Processual thinking allows one to engage with the dimensions of making as part of the concept of curating, and to depict material space and its technicalities as layers of a curatorial project. As a coordinator and a critical observer, a curator’s gets closer to that of a doer: intervening in the material processes, creating space for participation and to explore experimentation / contingency as a modality of research and practice.” Moreira, I., (2012). Materiality. P.42.

Ao considerar os espaços da Casa São Roque e Cooperativa dos Pedreiros, nos recortes temporais de 2014 e 2021, a proposta deste projeto entende a figura da curadoria de modo a levar o espectador a um entendimento esclarecedor, onde o curador é, pode (e deve) “iluminar o passeio do espectador criando uma nova realidade” reforçando o apelo na direção de um entendimento particular do fazer do curador como comunicador político de uma realidade social complexa, a arquitetura.” ¹⁸

Dada a materialidade, da arquitetura e também dos espaços expositivos, seria relevante refletir a problemática da interpretação, que por sua vez, pode ser considerada complexa por alguns motivos. Nem sempre se conhece a cultura arquitetônica, ou a localização da obra no espaço, tempo e sociedade em que é produzida. A leitura de um espaço demanda esforço intelectual, sensorial e de interpretação, sendo que “O espaço físico muda comportamentos, altera humores, conforta, incomoda, alegra ou entristece, tudo em um feixe de relações e reações que escapam às ferramentas intelectuais de outras disciplinas e linguagens interpretativas alheias” ¹⁹

¹⁸ Ferraz, Marcelo (2017). A curadoria de exposições de arquitetura. pg 39- acesso em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/issue/view/12>

¹⁹ Ferraz, Marcelo (2017). A curadoria de exposições de arquitetura. pg 37- acesso em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/issue/view/12>

A experiência do espaço e a vivência da arquitetura são abordagens interpretativas comuns, defendidas pelos profissionais da área:

“Nada substitui a vivência e a experiência do espaço no tempo, ou seja, o desfrute individual que faz da arquitetura “uma roupa que nos veste”. E mesmo em coletividade, a arquitetura é percebida diversamente por cada indivíduo como experiência psíquico/corporal captada pelos cinco sentidos.”²⁰

A leitura do espaço pode ser entendida como resultado de uma contextualização do lugar, das impressões e percepções do público. A mediação atua entre estas duas esferas, contextos históricos e abordagens fenomenológicas, informação e experiência, de modo a contribuir com uma maior possibilidade de interpretação e também movimentar a reflexão e o debate da produção da arquitetura, contribuindo para que, especialistas e leigos reflitam a importância da percepção destas materialidades. O cruzamento destes elementos em um recorte curatorial que propõe a mediação de arquitetura, pode também contribuir com a diluição de protagonismos nos discursos.

É válido notar que em alguns momentos, o cruzamento de diferentes agentes, potencializou resultados e contributos interessantes. Um dos exemplos é o trabalho de Ana Mae Barbosa, que participou entre os anos de 1989 a 1993 da diretoria do MAC, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no Brasil, em um laboratório de experimentação de ensino-aprendizagem em arte, com

²⁰ Ferraz, Marcelo (2017). A curadoria de exposições de arquitetura. pg 38- acesso em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/issue/view/12>

projetos educacionalmente ousados. A educadora fala sobre as potencialidades de relacionar curadores, arte-educadores e pesquisadores:

“A complementaridade de papéis entre curador, arte-educador e pesquisador, resultou muito bem sucedida no caso da exposição “As Bienais no Acervo do MAC” de outubro/87 a abril/88, que apresentou cerca de 250 obras que participaram das diversas “Bienais de Arte de São Paulo”, da 10ª à 18ª. Passada a etapa de pesquisa, a pesquisadora integrou-se com os três arte-educadores para assistir a curadora e o comunicador visual na organização da exposição. Assim, todos participaram organicamente na elaboração do “discurso” da exposição, ao mesmo tempo diacrônico e sincrônico, baseado na analogia e linguagens que nucleou a exposição.”²¹

Na tentativa de abertura de um diálogo e ao assumir que a narrativa e comunicação pode também ser direcionada para um contexto mais amplo, como comunidade e público geral, a atualização do espaço a partir do registro de imagens, e das impressões e percepções destes agentes adicionais, contribui com a diversidade da narrativa e interpretação da arquitetura. A colaboração entre o público, curadoria, e mediação, se dá na tentativa de encontro de áreas diferentes, para que os códigos de acesso se multipliquem e complementem, em termos de classe social, nível de estudo, nacionalidade, entre outros. Desta forma, o processo se potencializa ao cruzar campos de diferentes profissionais.

Já no caso de Unitednationplaza, um projeto de Anton Vidokle em alternativa a Manifesta 6 (cancelada), reúne uma série de características do chamado “educational turn”, ou virada educacional, que possui uma tendência na arte contemporânea, desde meados da década de 90, na qual diferentes modos de

²¹ Barbosa, A.M. (1998). p.27.

estruturas educacionais, métodos pedagógicos alternativos apareceram como práticas curatoriais e artísticas. As iniciativas contemplam a noção de educação, compartilhando conhecimento, investigação artística, curatorial e produção de conhecimento, sendo ênfase o próprio processo, bem como utilização de métodos discursivos e pedagógicos na exposição. Este projeto contou com uma aproximação e dinâmica educativa, em colaboração com a aproximação do público, que responde e atua, se sente participante do processo e consequentemente do projeto:

“Inevitavelmente, o programa de unitednationsplaza demandou muito tempo do público e, o que é mais importante, obrigou alguns membros do público a se posicionarem em relação ao projeto. Reciprocamente, ofereceu à todos uma participação no projeto - um certo tipo de propriedade da situação em que todos pudessem participar na medida que desejassem. Isso possibilitou um tipo de engajamento produtivo que ainda é possível, os papéis tradicionais de instituição / curador / artístico / público forem encorajados a assumir uma complexidade mais híbrida. Para mim, isso significa que, dadas algumas mudanças em como a experiência artística é concebida e construída, a ideia de “o público” pode ser ressuscitada e a modalidade de prática artística crítica pode ser preservada”²²

²² Tradução livre do original: “Inevitably, the programme of unitednationsplaza demanded a lot of time from the audience and, even more importantly, it forced some members of the audience to articulate a position in relation to the project. Reciprocally, it offered all those who attended a stake in the project- a certain kind of ownership of the situation in that everyone who came along could participate to the degree that they wished. I would argue that this enabled the kind of productive engagement that is still possible if spectatorship is bypassed and the traditional roles of institution/curator/artistic/ public are encouraged to take on a more hybrid complexity. For me, this means that given some changes to how art experience is conceived and constructed, the idea of “the public” can be resurrected and the modality of critical art practice can be preserved. O’Neill, P., Wilson, M. (Eds.).(2010). p. 148.

A mediação provoca a experiência do espaço, ao encontrar o pensamento de forma a romper com os moldes rígidos e estáticos das narrativas lineares que preservam os protagonismos da arquitetura, a realidade pode ser experimentada, de forma a participar o público e incluir sua impressão no processo. O professor Larrosa Bondia, em uma abordagem fenomenológica da questão da experiência, discorre sobre o pensamento, que não deixa de ser uma experiência e é experiência da e com a linguagem. “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar), sendo em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” ²⁶

Ainda:

“E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.” ²³

Qual é a relação das pessoas com estas materialidades arquitetônicas, no tempo do agora? Como experienciam a performatividade dos espaços da Casa São Roque e Cooperativa dos Pedreiros? Como se sentem dentro destes lugares? Integrados? Distantes? Pertencentes?

O papel da curadoria, neste caso, é o de propor reflexões, Casa São Roque e Cooperativa dos Pedreiros encontram suas intersecções no espaço expositivo, na arquitetura. O projeto curatorial propõe um processo, com elementos educativos

²³ Bondía, J., L.,. (2002)

atuantes, em um movimento que rotaciona entre investigação e mediação.

Ao recorrer aos preceitos da virada educacional, pelo fato de que a educação passa a ser usada como meio e plataforma de ação, diria que este projeto compartilha do pensamento de que “Não se trata simplesmente de dizer que os projetos curatoriais tenham cada vez mais a educação como tema; é, antes, afirmar que a curadoria opera cada vez mais como uma práxis educacional ampliada.”²⁴

Já a mediação, atua enquanto propositora do pensar e fazer. As palavras presentes na narrativa curatorial estão a serviço da transformação, reflexão e interpretação, que funciona de forma aberta, de modo a propor novas leituras destes espaços arquitetônicos escolhidos para a reflexão. Seria interessante salientar que a proposta de aproximar os utilizadores contemporâneos, e documentar as impressões destes corpos que se relacionam com a performatividade do espaço existente, contribui no sentido de atualizar imagens do uso/ocupação do espaço, ou seja, documentos de impressões e sentimentos acerca dos espaços arquitetônicos. A contextualização contemporânea abre as narrativas aos utilizadores, uma atualização a partir de experiências que confrontam o cotidiano, do tempo do agora.

Importante lembrar que não é esperado tornar o processo de reflexão e participação do utilizador, obrigatoriamente participativo, pois também pode funcionar como dispositivo impositivo, porém um processo que abre a possibilidade de ampliar o discurso e somar as camadas de impressões e percepções.

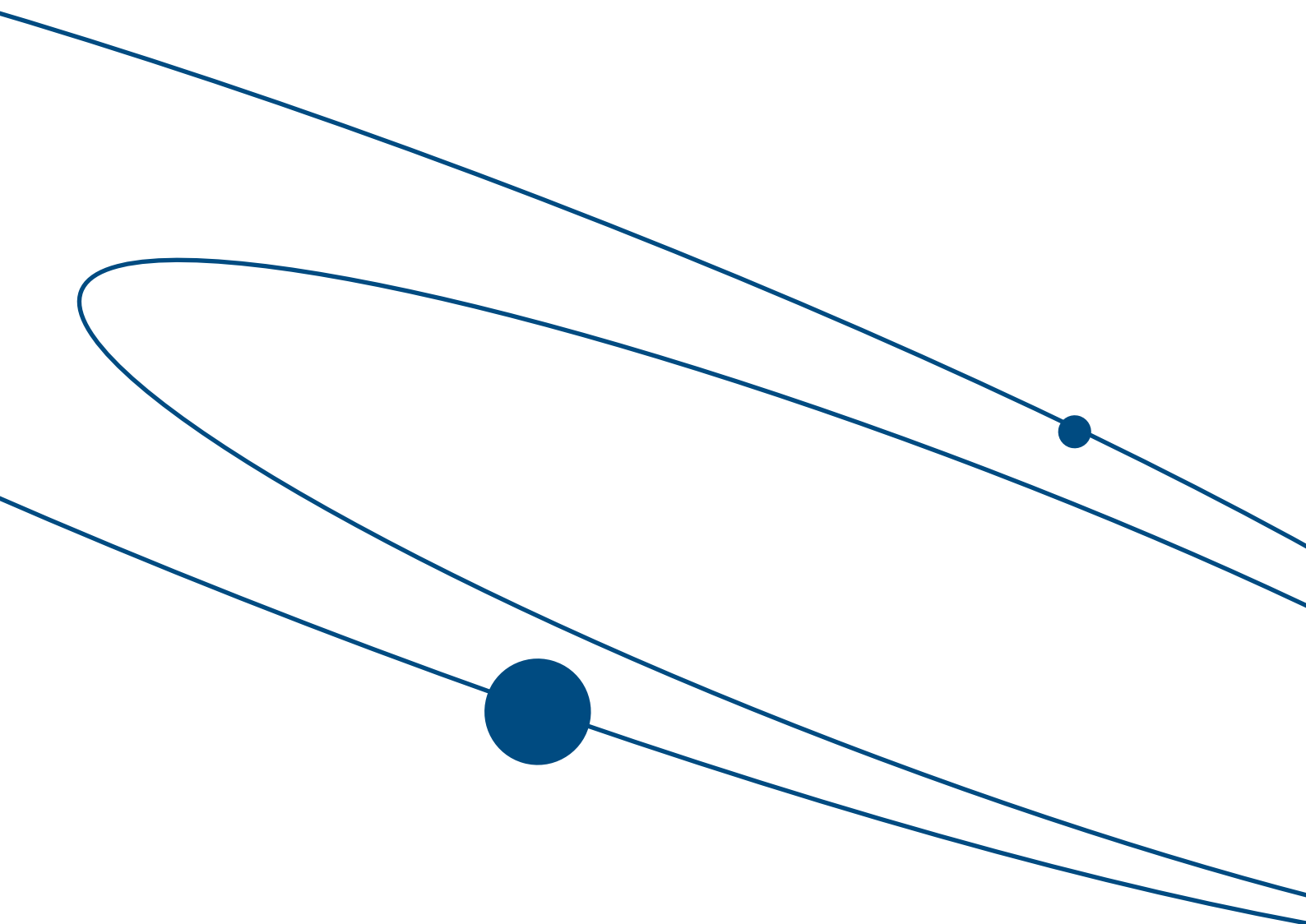
Este projeto foi pensado a partir da experiência de trabalho na Casa São Roque, sendo o recorte inicial do processo curatorial. Relacionar outra materialidade, no caso a Cooperativa dos Pedreiros, é uma proposta de ampliação do recorte da curadoria, de forma a pensar as intersecções, e envolver outros agentes que

²⁴ Tradução livre do original: “This is not simply to propose that curatorial projects have increasingly adopted education as a theme ; it is, rather, to assert that curating increasingly operates as an expanded educational praxis.” O’Neill, P., Wilson, M. (Eds.).(2010). p. 12.

tem contato com estas materialidades, para que as reflexões se desenvolvam em um processo colaborativo. Ainda, provocar a leitura do contexto físico dos objetos e como o espaço expositivo pode interferir e potencializar este processo, entre pensamento e imaginação, ao desativar as engrenagens de alguns dispositivos instituídos, ao inoperar conceitos estabelecidos e diluir protagonismos.

Órbita 5

Metodologia de Mediação de Arquitetura



A metodologia de mediação pensada para o presente projeto, é inspirada na Proposta Triangular, de Ana Mae Barbosa, que designa ações práticas, como componentes curriculares: o fazer, a leitura e a contextualização. Contextualizar seria estabelecer relações, atuando de forma a proporcionar abertura para a interdisciplinaridade, podendo ser a mediação entre percepção, história, política, identidade, experiência e tecnologia. A leitura teria o objetivo de decodificar palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. O fazer atuaria na experimentação, relacionar produção artística e criação, evidenciando questionamento, busca, descoberta, e o despertar da capacidade crítica, de elaboração e originalidade.

A relevância de utilização desta metodologia para este projeto de mediação de arquitetura, vem da possibilidade de que qualquer conteúdo pode ser explorado, interpretado e operacionalizado, a partir de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem.

Ana Mae, defende que articulação entre a criação, educação e estética define o pós-modernismo em arte-educação. A contemporaneidade estaria marcada pelo princípio reformulador, que confere a apreciação ênfase equilibrada com o fazer. A educadora afirma que “o modernismo se privilegiava, dentre as funções criadoras, a “originalidade”, preservando o utilizador do contato com a obra de arte, a pós-modernidade vem enfatizando a “elaboração”, dentre os outros processos mentais envolvidos na criatividade”.²⁵

Foi inicialmente experimentado na organização, cursos e oficinas do Festival de Inverno de Campos de Jordão, em 1983 no Brasil, de forma que foi considerado a primeira experiência pós-moderna de ensino da arte no país. Em seguida, a proposta triangular foi experimentada nas escolas da rede municipal de ensino de São Paulo, de 1989 a 1992, tendo como meio reproduções de obras de arte e

²⁵ Barbosa, A.M. (1998). p..

visitas aos originais do museu. O projeto foi iniciado no período em que Paulo Freire foi Secretário de Educação do Município de São Paulo, porém, como sistema epistemológico, a metodologia foi sistematizada e testada entre os anos de 1987 e 1993, no Museu de Arte Contemporânea da USP.

A proposta triangular foi descrita por educadores como uma leitura visual, transferível para a leitura de outras imagens, tendo em comum em muitas experiências o comentário de que na utilização da Proposta Triangular, houve a potencialização da leitura visual dos observadores, levando-os posteriormente, a fazerem suas próprias leituras.

Plataforma de mediação de arquitetura

A plataforma acontece com as reflexões que surgem no espaço de intersecção, o ponto onde os edifícios se conectam. A relação é dada na contextualização, e a partir disto, provocada a leitura a partir das diferentes camadas que surgem. A plataforma é ativada em três momentos: a contextualização, a leitura e o fazer, os quais terão seus respectivos processos detalhados a seguir.

Inspirado no formato do projeto Estação Vernadsky ²⁶ da co-orientadora Susana Gaudêncio, foi concebido no espaço virtual, onde é disponibilizado material para consultas e atualizações. Pode ser consultado em <https://orbitasarquitetonicas.wordpress.com/>.

²⁶ projeto de investigação artística que envolveu residência, mesa redonda e atividades pedagógicas, culmina numa exposição, em versão da plataforma digital, disponível em: <http://estacaovernadsky.com/index/>, e em publicação.

Os momentos: contextualização, leitura e fazer, são organizados para partilha no espaço virtual, com canal de contato que possibilita abertura para possíveis atualizações de edição colaborativa, de modo a adicionar os novos usos do espaço, assim como as percepções dos participantes. A plataforma online foi pensada de forma que o primeiro contato do público pudesse acontecer da maneira mais aberta possível, e também que as informações estivessem disponíveis para consulta, possibilitando uma dimensão de continuidade, em que é possível acompanhar os diferentes momentos.

O material a ser apresentado é comunicado por imagem e escrita. Cabe ressaltar, que a plataforma tem foco no recorte curatorial e nos aspectos de mediação, onde os exercícios de processo atuam a partir da metodologia proposta, considerando conceitos de arquivo, fotografia e imagem a serem aprofundados em outras oportunidades.

Importante pontuar que não considero o formato online totalmente inclusivo, porém para este momento, esta solução se mostrou mais viável, mantendo em aberto as possibilidades de outras formas de partilha para as próximas oportunidades de exercício deste projeto.

Com material adicionado à plataforma online, resultantes dos processos de contextualização, da leitura, e do fazer, os espaços são atualizados, com impressões e percepções do tempo do agora, e o recorte curatorial pode ser ampliado por possíveis descobertas e interesses, que possam surgir ao longo do processo. A narrativa curatorial, em movimento de rotação em torno destas materialidades, poderia explorar outros aspectos da memória e performatividade destes edifícios, a partir de provocações colocadas pelos participantes, entre os momentos da leitura e do fazer.

Contextualização

É apresentada a contextualização dos pontos, dos edifícios que são abordados neste momento da ativação da plataforma, com informações relativas às diferentes utilizações, história, outros aspectos do contexto social e urbano onde se inserem, assim como as relações entre os edifícios.

A leitura

A leitura do espaço atua de modo a decodificar e recolher as impressões dos participantes durante a visita aos espaços. São provocados questionamentos, que provocam a tentativa de interpretação dos edifícios do recorte curatorial. É feita uma recolha, com registo por meio da escrita das percepções em mapas mentais, que por sua vez, são compartilhados no espaço virtual.²⁷

O fazer

A proposta deste momento é a elaboração de um processo que busca a experimentação e criação, utilizando resíduos temporais. Os participantes têm a possibilidade de explorar o arquivo de imagens relacionadas ao edifício, elaborar e compor com seus próprios registos, em um exercício que experimenta atualização por um processo de montagem.

Na mistura temporal, as aparições do momento do agora e os retornos da memória se misturam em narrativas heterogêneas, ou ainda, em polifonias. O

²⁷ mapa mental acesso em <https://www.mindmeister.com/pt/1954538323?t=6svJYigg5N>

processo de montagem, assume uma forma de conhecimento processual construído pela prática e ação de desmontar e montar.

A fotografia/imagem foi a linguagem escolhida devido ao fato de ser a melhor possibilidade, para este momento, ao relacionar visualmente as justaposições, os fragmentos de tempos distintos. Este exercício, pretende mostrar a complexidade ao acentuar diferenças, de forma a refletir outros nexos possíveis, baseados na diversidade, como a experiência urbana da constelação de arquiteturas, a experiência da cidade se assemelha ao processo de montagem que se especula neste momento. Pensar por montagem, de acordo com a arquiteta Paola Jacques, exemplifica os conceitos aqui propostos:

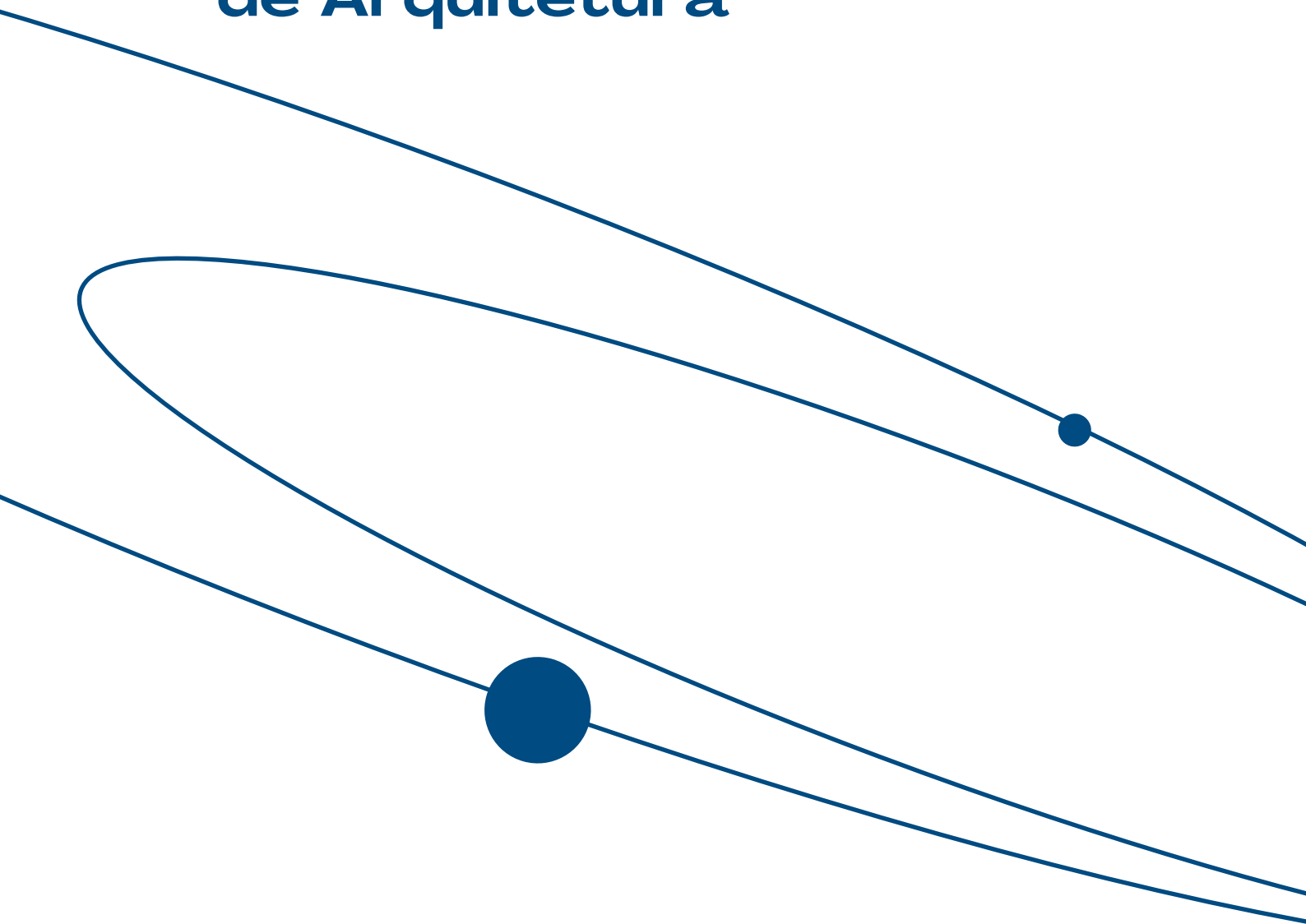
“O importante não seria qualquer tipo de resultado final fixo, mas sim o próprio processo aberto, uma renúncia do fixar. A partir dos diferentes intervalos – entre as diferentes remontagens de um mesmo painel, entre as montagens de diferentes painéis e também entre as imagens de cada montagem –, podem surgir outros nexos, a partir de associações, choques ou tensões entre as imagens, podem emergir relações inesperadas, outras constelações imprevistas, provocando uma série de deslocamentos, inversões, rupturas, descontinuidades, emergências, anacronismos e sobrevivências.”²⁸

Imagem e tempo, no momento “fazer”, não se encontram fixados, pois interessa explorar a relação entre ambos, experimentar as possibilidades de movimento e conseqüentemente a transformação permanente sem a necessidade de conclusão.

²⁸ Jacques, P. B.,Pereira, M.S.(Org.).(2018) pg 213

Órbita 6

Exercício prático da Plataforma de Mediação de Arquitetura



Texto curatorial

A paisagem urbana é uma constelação de arquiteturas. Os edifícios são os pontos desta constelação, orbitam na cidade e podem se conectar entre si, por intersecções de suas histórias, por semelhanças e contrastes. A arquitetura e suas exposições adotam formatos que influenciam a leitura de suas materialidades e narrativas, entre aparatos expositivos e protagonismos, o público pode se sentir afastado e passivo.

O projeto **órbitas arquitetônicas: espaço, performatividade e possibilidades curatoriais**, propõe um sistema de pensar, uma plataforma de mediação, que considera as arquiteturas e os espaços que tiveram outros usos e são potenciais pontos para reflexões e recortes curatoriais.

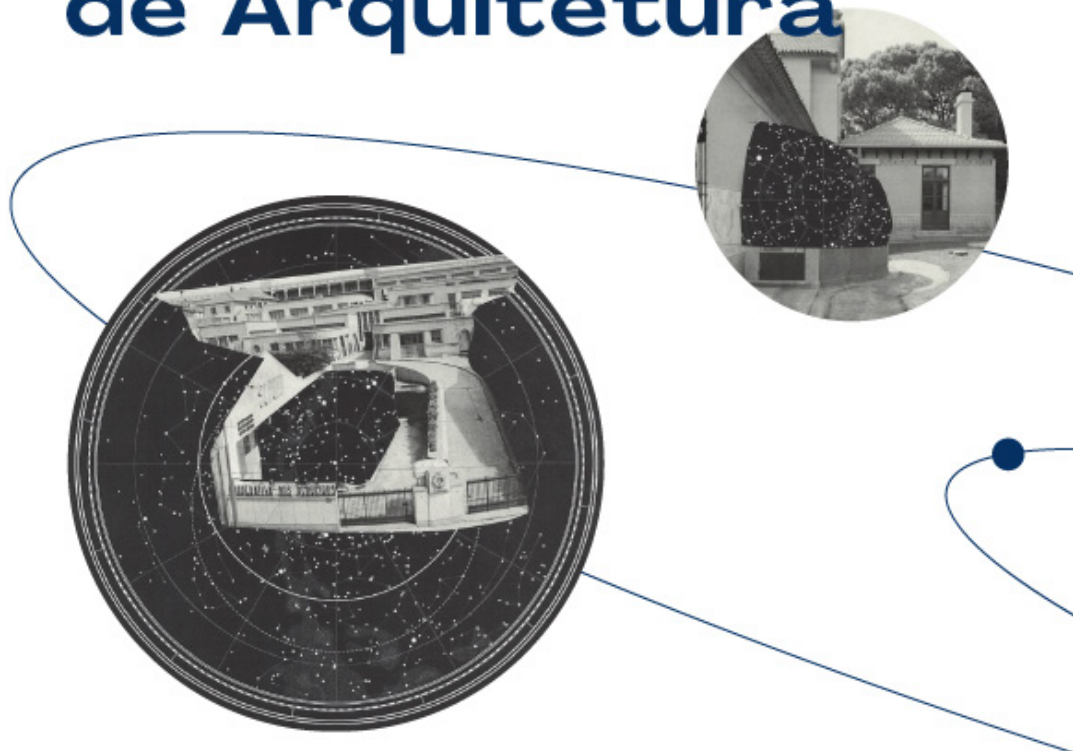
O presente trabalho tem a proposta de experimentar outros espaços. A reflexão acontece onde as arquiteturas se conectam, no espaço de intersecção. Assim, existe a possibilidade de exercitar a leitura dos edifícios, dos lugares expositivos e dos objetos que lá se encontram. Tem interesse na relação das pessoas com estas materialidades, no tempo do agora, como forma de ampliar camadas de percepção e incluir narrativas e suas respectivas vozes.

A atualização do arquivo de uso destas arquiteturas se dá principalmente pela presença das pessoas, pela recolha, registo de impressões, e exercício de desenvolvimento de material. Novas camadas de leitura são adicionadas, ampliando possibilidades de reflexão e pesquisa por curadores e artistas. O processo trabalha a curadoria e mediação como metodologias que exploram o potencial do espaço na contextualização contemporânea, ao relacionar suas utilizações, memórias, conservação e ao abrir as narrativas ao público.

Contar algo sobre uma arquitetura é refletir sobre suas diferentes funções ao longo do tempo, e também documentar a presença das pessoas que orbitaram estes espaços. Ao considerar a leitura da arquitetura desta forma, a narrativa dos edifícios

é atualizada com uma imagem do tempo do agora, que amplia e potencializa as camadas de reflexão dos pontos desta constelação, sejam eles objetos artísticos, seja a própria arquitetura.

Plataforma de Mediação de Arquitetura



Órbitas Arquitetônicas:
Espaço, Performatividade
e Possibilidades Curatoriais

[orbitasarquitetonicas.
wordpress.com](http://orbitasarquitetonicas.wordpress.com)

Curadoria: Monique Bernardine

Figura 47
Cartaz de divulgação do Projeto. Design João Pessegueiro.

Foi possível desenvolver as primeiras ativações como exercício experimental da plataforma de mediação de arquitetura, no ponto da constelação que parte da Casa São Roque.

Nos meses de abril, maio e junho de 2021, os monitores das atividades do Projeto Educativo da Casa São Roque, exercitaram os momentos propostos: a contextualização, a leitura e o fazer, de forma a desenvolver uma reflexão acerca dos espaços expositivos, que receberiam as visitas dos alunos da zona de Campanhã, da cidade do Porto. O Projeto Educativo da Casa São Roque, desenvolvido pela autora do presente trabalho, dinamizou atividades com 27 turmas, totalizando mais de 500 alunos do Agrupamento das Escolas do Cerco, do 1o ciclo e secundário.

Os participantes do projeto **órbitas arquitetônicas: espaço, performatividade e possibilidades curatoriais**, dos quais cinco estudantes de Artes Visuais, da Escola Superior de Educação, e também duas estudantes da Faculdade

de Belas Artes do Porto, foram os monitores que desenvolveram as atividades de visita mediada ²⁹ à Casa São Roque, com alunos do Agrupamento do Cerco. Os participantes, com idades entre 20 e 32 anos, já estavam inseridos no espaço da Casa São Roque, devido ao estágio no âmbito de licenciaturas e mestrados, nas áreas de artes visuais e museologia. Foi então apresentada a possibilidade de participação no presente projeto, como forma de ampliar a leitura dos espaços, que surgem com as conexões com a Cooperativa dos Pedreiros.

Enquanto coordenadora do projeto educativo da Casa São Roque e proponente do presente trabalho, interessava que as impressões e percepções dos monitores fossem documentadas, a partir do processo de mediação, de forma a atualizar o uso da arquitetura da Casa São Roque.

²⁹ Mediação no sentido de método e ação que leva o visitante a ser estimulado a refletir, perguntar e trocar conhecimentos, tornando a participação ativa.

A contextualização, de forma experimental, se deu em uma caminhada, de modo a perceber a paisagem urbana do trajeto da Casa São Roque até Cooperativa dos Pedreiros. Para ativação do primeiro momento, a caminhada liga simbolicamente os dois edifícios, dois pontos da constelação de arquiteturas do contexto urbano da cidade do Porto. Com a contextualização a dar início ao processo, a investigação curatorial foi apresentada na caminhada, em uma conversa informal, momento em que foram abordados os elementos da pesquisa acerca dos dois edifícios.

Texto utilizado no momento da contextualização

Arquitetura suas intersecções, seus arquitetos e relações | José Marques da Silva, arquiteto responsável pela remodelação do Palacete Ramos Pinto, teve uma filha. Maria José Marques da Silva, arquiteta, casada com David Moreira da Silva, arquiteto. O pai de David, José Moreira da Silva, foi um dos idealizadores da Cooperativa dos Pedreiros. O Palacete Ramos Pinto, remodelado em 1900 por Marques da Silva, com intuito de ampliar a morada da família, a partir de excedentes da exportação e comercialização de vinhos. A Cooperativa dos Pedreiros tinha o intuito de ajudar a defender os interesses da classe, investindo assim os próprios rendimentos obtidos em obras realizadas, na compra de um terreno em que, anos depois, foi lugar de início das obras do complexo de edifícios, em 1937. Marques da Silva participou nas primeiras obras da Cooperativa dos Pedreiros. Em 1979, a Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários Pedreiros Portuenses atuou em obras no então Palacete Ramos Pinto. A Cooperativa dos Pedreiros está ligada ao fornecimento de granitos e pedras decorativas, também emancipação relativa à capacitação profissional dos pedreiros, seja na execução de obras de arte, monumentos, ou na obra de importantes arquitetos. Já a Casa São Roque, está ligada ao progresso e inovações materiais, novidades da arquitetura, resultado busca por enaltecimento social e espetacularidade arquitetônica, com adaptações

de uso e engrandecimento para imagem pública.

Contexto urbano | No caminho entre as duas arquiteturas, é interessante observar o contraste das casas edificadas em seus entornos e todos os elementos da paisagem urbana do Porto oriental. Observar alguns espaços obsoletos e outros que já mostram a movimentação de uma tentativa de absorver o crescimento de novas atividades econômicas. Observar também como a paisagem urbana é marcada pela dimensão temporal, em uma imagem de conjunto, todas as volumetrias que fazem parte de Campanhã até o Bonfim.

Performatividade e potencial | O complexo da Cooperativa, concluído em 1953, foi construído sobre o espaço de uma antiga pedreira. O primeiro edifício do conjunto corresponde às primeiras oficinas e armazéns, o segundo, à Torre Miradouro, situados em diferentes níveis que se destinavam a dormitórios coletivos, enfermaria, gabinete médico, sala de curativos, sala de aula, biblioteca, gabinete da direção, balneário e WC, refeitório, armazém, casa da caldeira, sala de sessões, sala de repouso. Em 2014 recebeu o projeto Technical Unconscious, e atualmente possui alguns de seus espaços devolutos, ao mesmo tempo que acolhe programas culturais, comércio, galerias de arte, entre outros usos. A Casa São Roque, inicialmente uma casa de caça em uma mata, na altura 1900 periferia rural. Reabilitada em forma de palacete burguês, em 1910, serviu de morada para família Ramos Pinto. Foi também Gabinete de Planeamento Urbanístico, Divisão de Parques e jardins, até 2007. Hoje é ocupada por um Centro de Arte Contemporânea.



Figura 48 –
participantes do projeto órbitas arquitetônicas no momento contextualização, 2021.
Fonte: arquivo pessoal

Já o momento de leitura do espaço da Casa São Roque, foi realizado ao longo das visitas mediadas para os estudantes do Cerco, de forma que durante o percurso, ao refletir o espaço expositivo e conduzir a visita, os monitores puderam pensar e explicitar as provocações propostas. O processo de leitura e percepção do espaço foi ampliado após o contato com a materialidade e com as reflexões acerca das relações com o espaço da Cooperativa dos Pedreiros.



Figura 49

Momento de leitura dos monitores em visita mediada com estudantes do Agrupamento do Cerco, nos espaços expositivos da Casa São Roque, 2021. Fonte: Arquivo pessoal.

Foram feitas as seguintes provocações no decorrer do momento leitura:
Como se sentem ao entrar nos espaços? Integrados? Distantes? Pertencentes?
Qual sentimento desperta? Como se dá a apresentação do edifício? Parece aberto para entrada? Fechado? A entrada é natural?

O registro de impressões acerca das provocações foi documentado de forma coletiva e sem identificação específica. Foi orientado aos participantes, que emitissem as percepções por meio de palavras, aleatórias e espontâneas, as quais foram anotadas durante o percurso do momento da leitura:

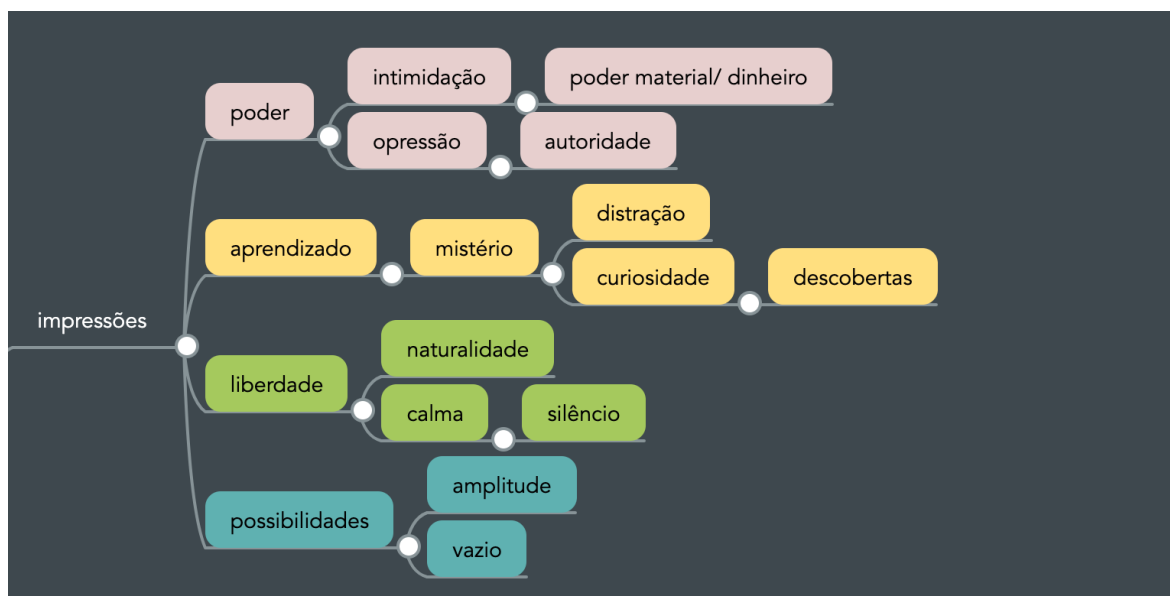


Figura 50 - Mapa mental com recolha das impressões dos participantes, identificadas em diferentes cores. Disponível em <https://orbitasarquiteticas.wordpress.com/>

A recolha das impressões, identificadas em diferentes cores, correspondem aos espaços e à percepção que foi documentada.

Dentre os espaços expositivos percorridos, estava o pavimento principal, antiga área social e sala de jantar do palacete, lugares que ainda conservam materialidade em elementos decorativos, como estuques, ornamentos nas paredes e algum mobiliário. As palavras associadas foram as de cor rosada e amarela: dentre as palavras: poder material, autoridade, mistério, distração, descoberta, etc.

O jardim e a antiga garagem também foram parte do percurso, sendo as palavras associadas: silêncio, calma, vazio, amplitude.

As cores da imagem acima foram usadas como elementos no processo a seguir, o momento do fazer. As impressões são registradas em um mapa mental, na plataforma de mediação de arquitetura.³⁰

³⁰ mapa mental acesso em <https://www.mindmeister.com/pt/1954538323?t=6svJYigg5N>

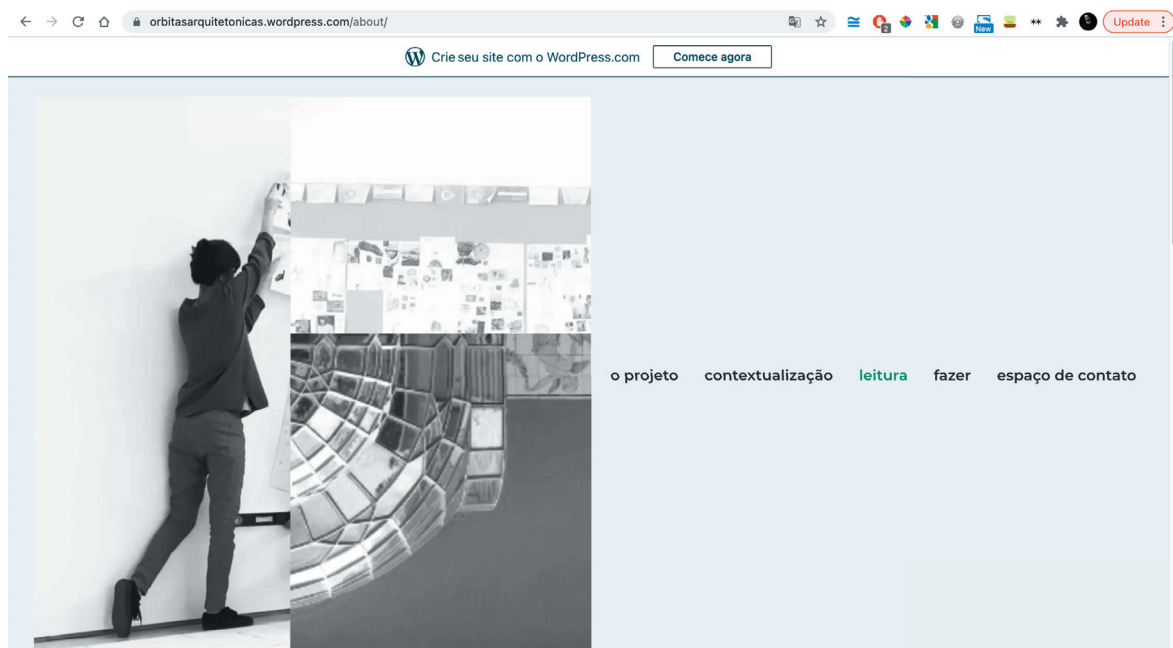


Figura 51

Captura da página da plataforma de mediação Mapa mental com informações da Casa São Roque e impressões dos participantes.

Disponível em <https://orbitasarquitectonicas.wordpress.com/>

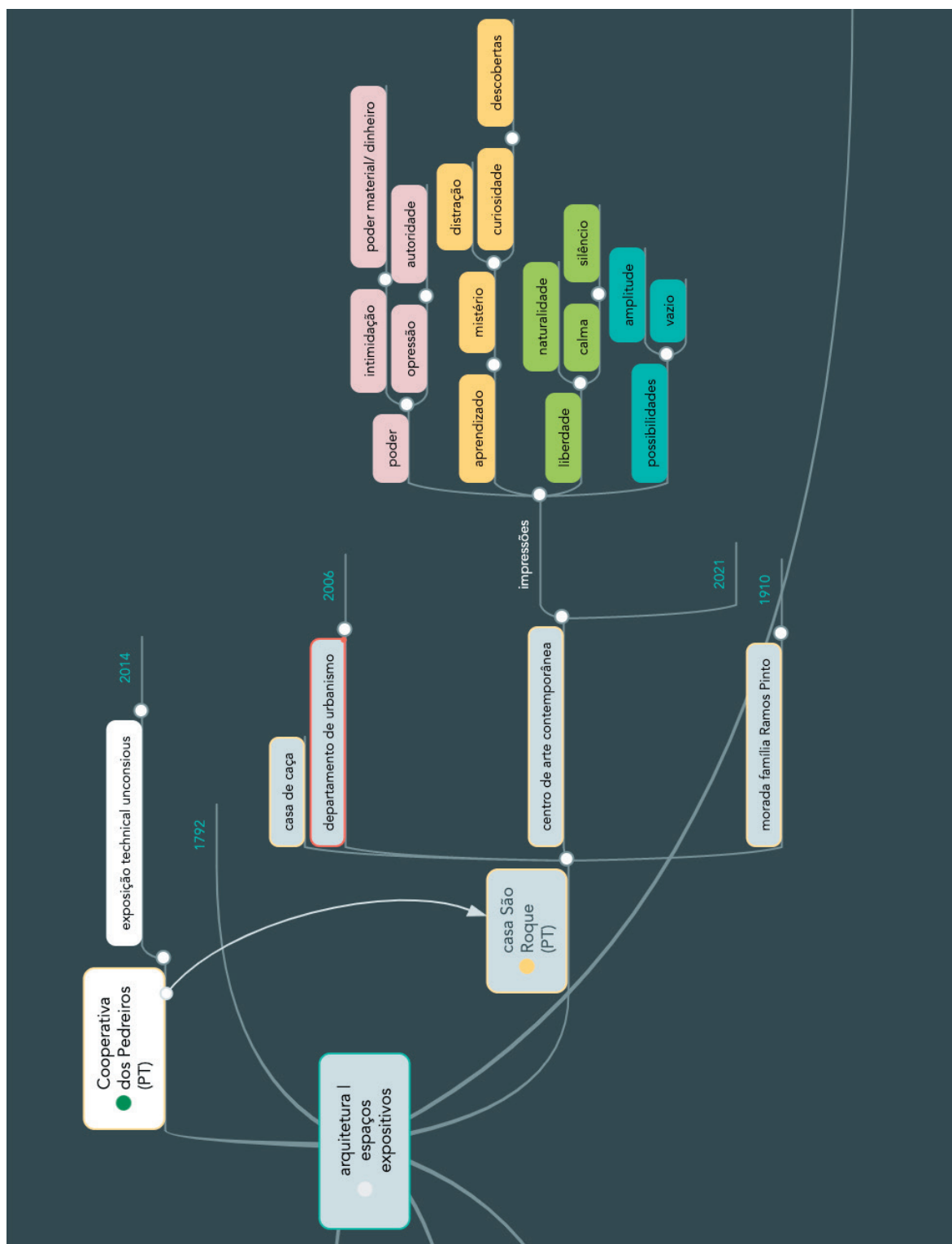


Figura 52– Captura da página da plataforma de mediação Mapa mental com informações da Casa São Roque e impressões dos participantes. Disponível em <https://orbitasarquiteticas.wordpress.com/>

O exercício do fazer foi desenvolvido na antiga garagem, após a desmontagem da exposição coletiva que reuniu e apresentou os trabalhos realizados no programa educativo da casa São Roque. A exposição, inaugurada em 26 de junho de 2021, confere uma nova camada ao espaço, que segundo investigação do prof. Domingos Tavares, foi construído em 1908, passou a ocupar a mesma posição da antiga cocheira, e servia como garagem e alojamento do motorista.



Figura 53 Foto de visitantes na Exposição da Casa São Roque, curadoria de Monique Bernardine ³¹

³¹ Exposição Coletiva no espaço da antiga garagem, com curadoria de Monique Bernardine. Realizada com material de mais de 500 estudantes, desenvolvido nas atividades do Projeto Educativo da Casa São Roque, no ano de 2021.



Figura 54 -Foto de visitantes na Exposição da Casa São Roque, curadoria de Monique Bernardine

Interessante considerar a camada de reflexão que o espaço carrega, a materialização arquitetônica de uma significativa alteração do modo de vida das famílias, com a chegada do automóvel e o desaparecimento progressivo dos coches de tração a cavalo.

O registro de imagens desta exposição, do processo de produção e desmontagem, assim como das visitas mediadas, serviu de material para a montagem, a colagem desenvolvida de forma coletiva, do momento fazer do projeto órbitas arquitetônicas: espaço, performatividade e possibilidades curatoriais.

Paola Bereinstein Jacques, ao propor uma leitura urbanística contínua e compartilhada ³², fala de diferentes modos de pensar a história. Aspectos imateriais, subjetivos, emotivos e afetivos, em transposição com as dimensões materiais, se conjugam no processo de mediação de arquitetura. A complexidade do tempo atua como um pensamento por montagem, onde:

³² Ver: www.cronologiadourbanismo.ufba.br, site que reúne processo de vários anos de compilação e cruzamento de dados sobre visões, projetos e planos de cidades- Cronologia do Pensamento Urbanístico

“Trata-se de um complexo jogo de forças entre passado e presente e também de propostas de futuro, entre o “ocorrido”, o “agora” e o porvir, através de montagens sinópticas de tempos heterogêneos, forças do passado ressurgem no presente indicando futuros, forças que sobrevivem para além de sua cristalização, como relâmpagos, lampejos, memórias involuntárias. Trata-se de uma montagem de tempos heterogêneos, uma coexistência de tempos distintos, uma apresentação sinóptica de diferenças.”³³

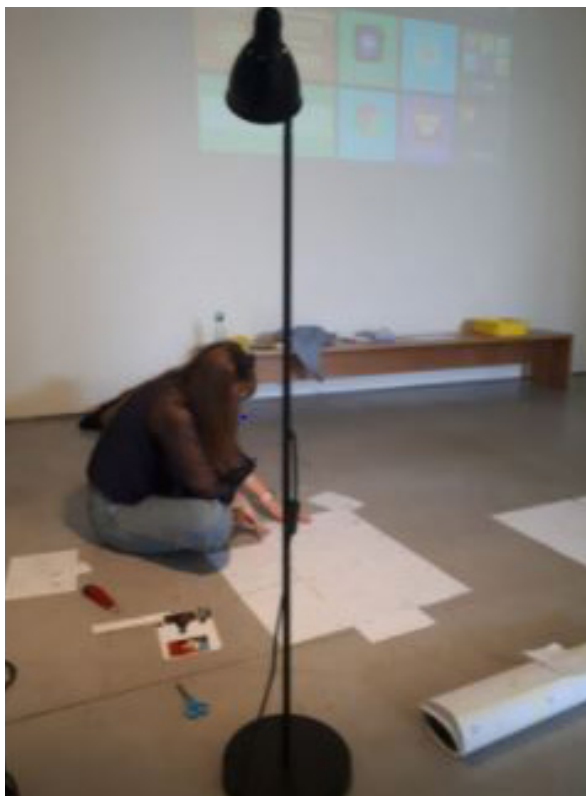


Figura 55- Monitors a desenvolver montagem no espaço da garagem da Casa São Roque em momento “fazer”, Junho 2021.

³³ Pensar por montagem, em texto que exemplifica conceitos urbanísticos inspirados na obra de Walter Benjamin. Jacques, P. B., Pereira, M.S.(Org.).(2018) pg 217

Montagens | Colagens Coletivas | 2021

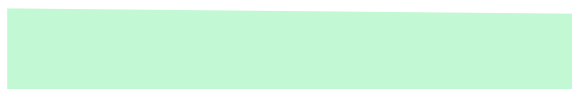


Intimidação | Opressão | Autoridade
Poder Material | Dinheiro



Possibilidades | Amplitude | Vazio

Aprendizado | Mistério | Distração
Curiosidade | Descobertas



Liberdade | Naturalidade | Calma |
Silêncio

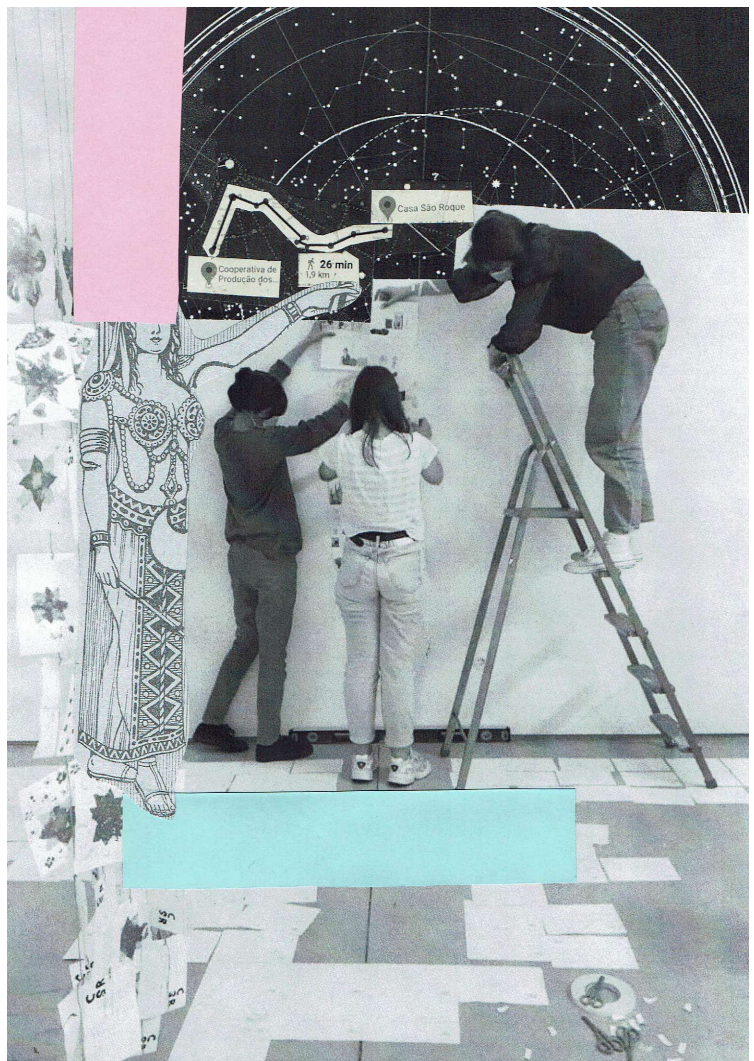


Figura 56- colagem coletiva

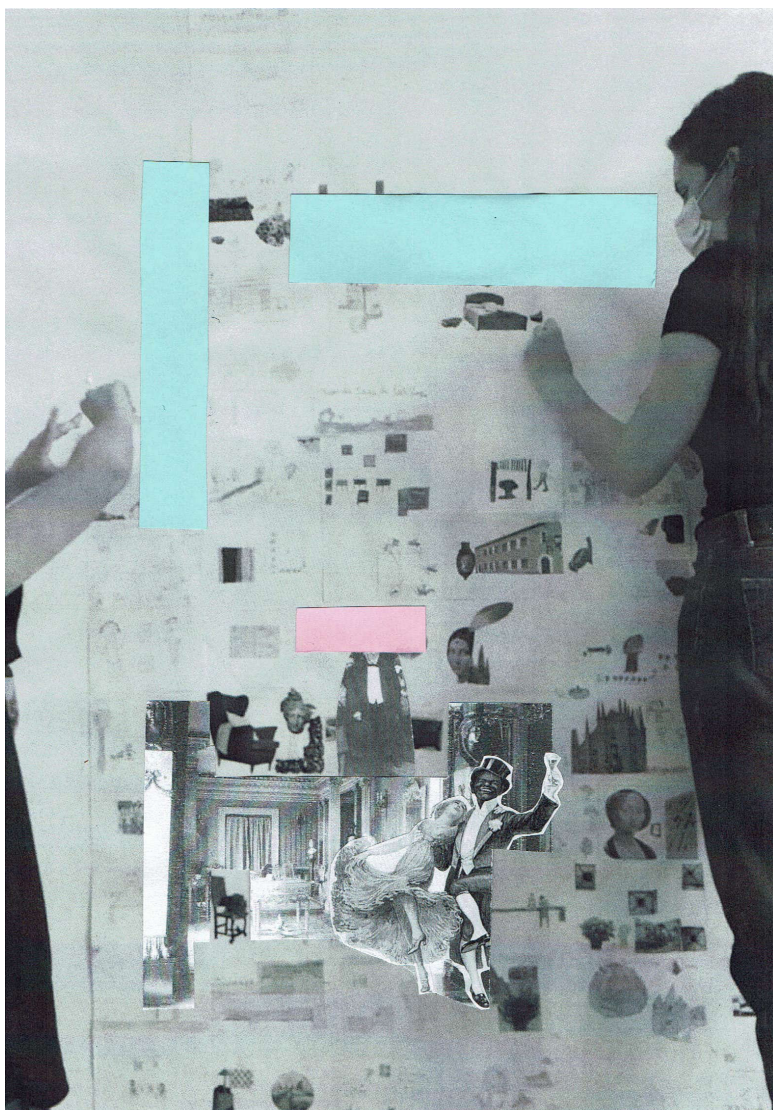


Figura 57- colagem coletiva



Figura 58- colagem coletiva

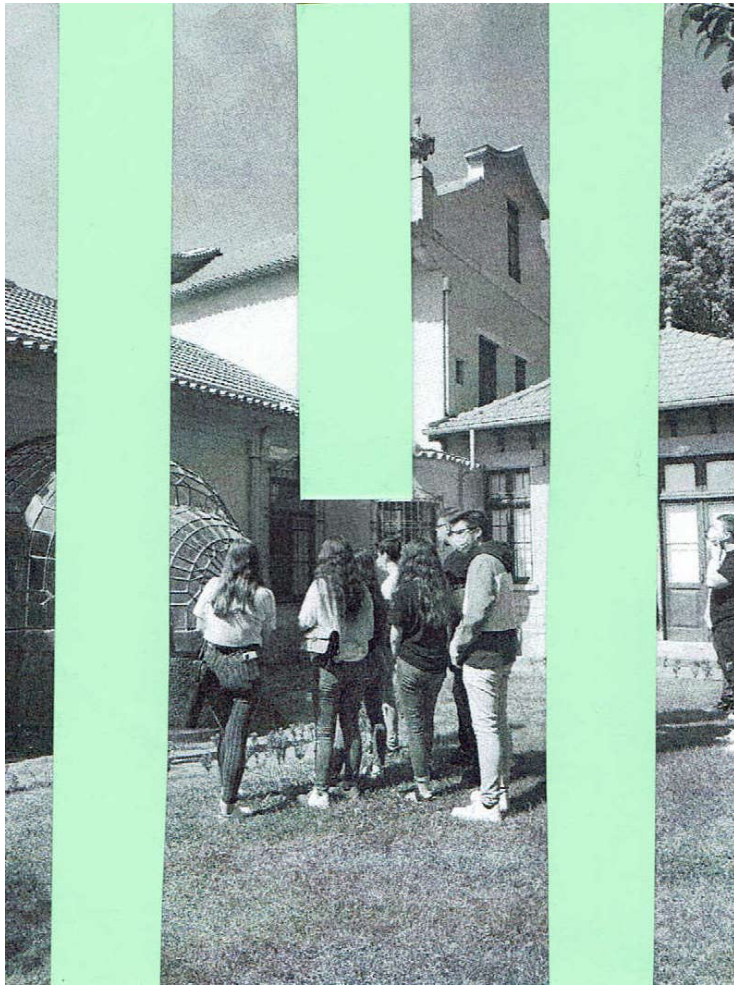


Figura 59- colagem coletiva



Figura 60- colagem coletiva



Figura 61- colagem coletiva

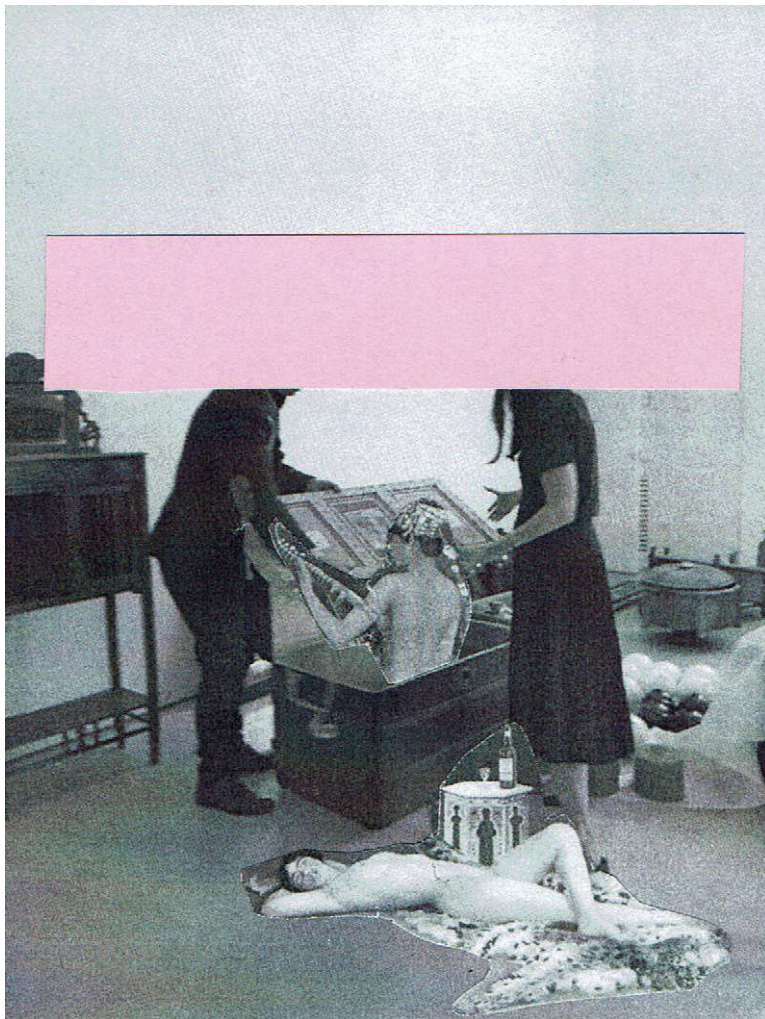


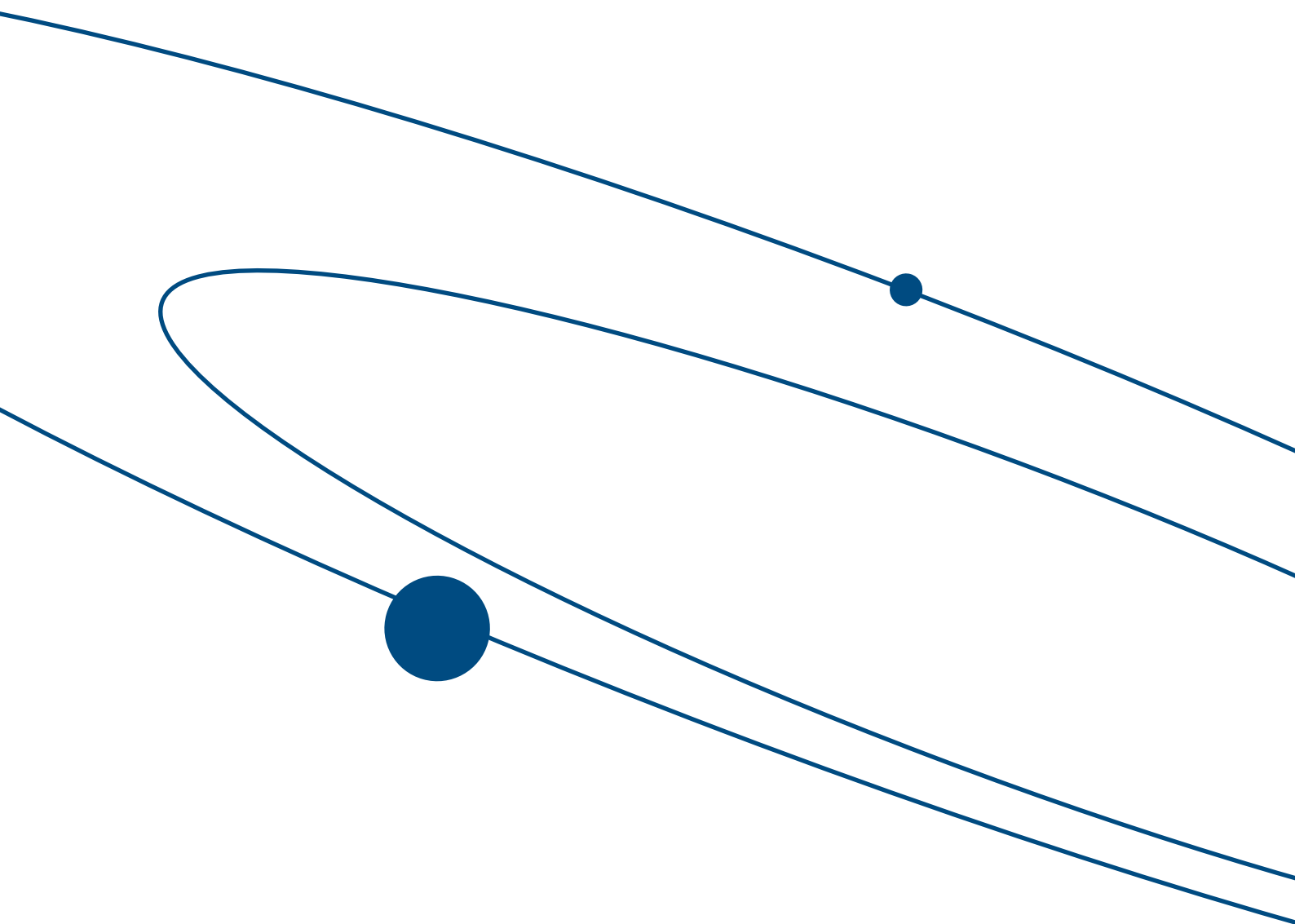
Figura 62- colagem coletiva

A presença dos monitores participantes do presente projeto, e dos alunos do Agrupamento das Escolas do Cerco marca a atualização do espaço da garagem e confere camadas adicionais à memória coletiva ao lugar. No exercício de atualização, no tempo do agora, o espaço recebe uma camada que representa o processo de educação. A plataforma de mediação de arquitetura acontece neste espaço de intersecção, espaço de reflexão, de pensar a arquitetura.

Considerando a complexidade de leitura e interpretação dos diferentes lugares, os processos desenvolvidos pretenderam experimentar a leitura durante a mediação, que funcionou adicionalmente como atualização do arquivo, por meio da imagem da ocupação do espaço, no desenvolvimento da montagem e colagem coletiva.

As principais informações dos momentos de ativação da plataforma de mediação de arquitetura são partilhadas no espaço virtual. O mapa mental, disponível no site <https://orbitasarquitetonicas.wordpress.com/>, está aberto para edição coletiva, de forma que as impressões de outros momentos de ativação, da Cooperativa dos Pedreiros por exemplo, possam ser adicionadas. Também, para que fiquem disponíveis para investigação e para que os edifícios se abram para outras abordagens, para conexões com outros pontos da constelação de arquiteturas.

Considerações finais



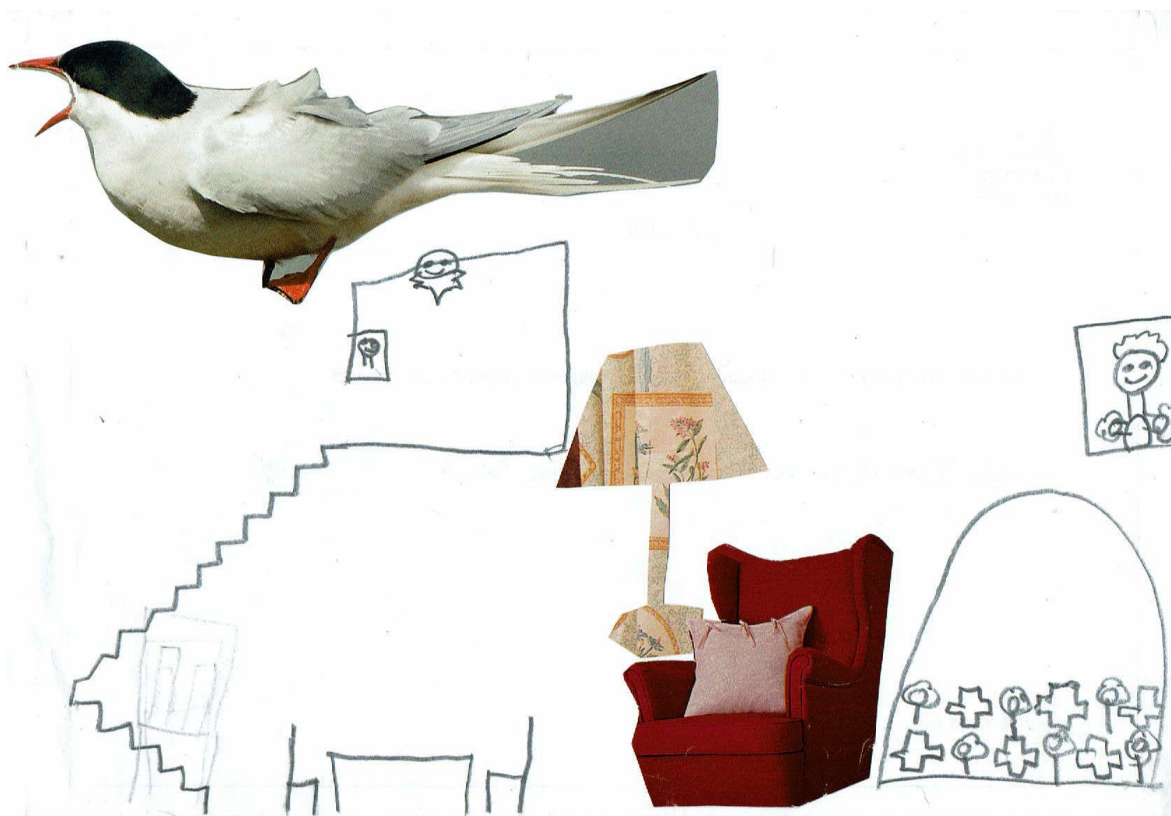


Figura 63 -Colagem por Tomas Lima 2oA estudante do Agrupamento das Escolas do Cerco, no âmbito do Projeto Educativo da Casa São Roque, 2021.

Considerações finais

Como uma oportunidade de desenvolver os interesses que surgiram ao longo do mestrado e que também são explorados no âmbito profissional, o presente projeto parte de uma proposta que trabalha a curadoria de edifícios e a mediação de arquitetura, em órbita entre conexões e reflexões.

A arquitetura e sua performatividade, materializam e abrigam as relações sociais na forma de relações espaciais, denotando o que se deve nomear por política do espaço. Pode-se dizer que se materializam na experiência da arquitetura e no espaço expositivo: interesses comuns, privados e coletivos, sendo o foco desenvolvido neste momento a observação e reflexão dos espaços expositivos e as relações entre todos os objetos da órbita: dispositivos de exposição, aparatos utilizados em diferentes soluções, narrativas e a percepção do público a partir destes elementos.

No momento em que surgem questionamentos de ordens espaciais, de possibilidades que alteram os aspectos relacionais tradicionais, devido à pandemia, foi interessante pensar como a mediação atuou na relação entre novas narrativas e espaço expositivo. Considero parte importante deste projeto, as especulações que surgem no pensar os diferentes acessos, sejam virtuais, móveis ou instantâneos. Além do paradigma do cubo-branco, este projeto reflete outros espaços, plataformas, sistemas de pensar, que possibilitam o encontro com outras formas de organização das leituras, experiências e atualizações da arquitetura.

Ao estabelecer a proposta, o recorte curatorial atua no espaço da plataforma de mediação de arquitetura, onde acontece a reflexão, assim como as novas leituras da performatividade da arquitetura, que por sua vez, foram exercitadas a partir do estabelecimento das relações dos dois edifícios.

Ao percorrer as órbitas de investigação teórica, sobre a curadoria de

edifícios, assim como no capítulo Arquitetura: espaço expositivo e suas narrativas, foi possível identificar em eventos contemporâneos, questões relativas à forma como os espaços expositivos, assim como os dispositivos de exposição influenciam na narrativa curatorial, e consequentemente, na aproximação e participação do público.

O exercício prático de mediação, atuou a partir de fragmentos contemporâneos e da memória dos edifícios, salientando o encontro das temporalidades contraditórias e suas complexidades, desta forma, foi possível pensar o percurso por entre as materialidades arquitetônicas. Ao propor a ação de registrar as impressões, era esperado adicionar camadas à espacialidade, possibilitando registrar a participação, atualizações das presenças das pessoas, e percepções que contribuem ao adicionar novas narrativas.

Ao abrigo do programa educativo da Casa São Roque, foi possível realizar o exercício da plataforma de mediação, e utilizar a metodologia proposta. A estratégia de aproximação e contato com os participantes aconteceu de forma direcionada, devido ao momento em que o projeto se realizou, e todas as condicionantes impostas pela pandemia. Era expectável, porém neste momento não foi possível também devido às condicionantes, a abertura e participação de tipologia do público mais diversificado, em termos de idade, escolaridade e classe social.

O presente trabalho possibilitou aprofundar e reunir outros interesses, que podem complementar a investigação, em oportunidades futuras: acerca dos arquivos, acervos, memória imaterial, memória coletiva e finalmente, os pensamentos de Walter Benjamin. É importante relatar, que este trabalho foi muito influenciado pelas conversas com Chantal Benjamin, ao longo dos anos de 2020 e principalmente 2021, em meu âmbito profissional, mais especificamente nos momentos de produção, montagem e inauguração da exposição Footnote 14: Angel of History, na Casa São Roque.

Trabalhar com as intersecções geradas ao relacionar arquiteturas, considerar

potencial destes espaços expositivos abordados, Casa São Roque e Cooperativa dos Pedreiros, contribuiu para ampliar o meu olhar para possibilidades curatoriais e de trabalho interdisciplinar, entre arquitetura, curadoria e educação. Me interessava, exercitar a leitura dos espaços e das camadas de interpretações, ao identificar relações, e a partir destas linhas constelacionais imaginárias, adicionar outras camadas aos edifícios, registradas no mapa mental como impressões dos lugares. Contribuiu também, como oportunidade de abertura para reflexão na ordem da divulgação e conservação da cultura arquitetônica.

Por fim, este exercício de construção sistemas de pensamento a partir de sobreposições, montagens, fragmentos de muitos tempos, me permitiu, no arranjo constelar, refletir e registrar, experiências históricas presentes no espaço-tempo do agora.

Lista de imagens

p.3

001- montagem por monique bernardine - arquitetura e espaços em mediação

p.12

002- Imagem da exposição “Art on Display“ fonte: Gulbenkian.pt

p.14

003- “Souto de Moura - Memória, Projectos, Obras” inaugurada na Casa da Arquitectura, fonte: archdaily

p.15

004- Desenhos da exposição “Siza inédito e desconhecido” fonte: arquivo pessoal

p.16

005- Exposição “Technical Unconscious” fonte: pg facebook

p.18

006- Montagem por Monique Bernardine - constelação de Arquitetura, seus pontos e ligações

p.24

007- Montagem por Monique Bernardine - Cooperativa dos Pedreiros

p.28

008- Montagem por Monique Bernardine - Casa São Roque

p.30

009- Imagem de edificação apresentada com uma proteção de vidro, como um artefacto estático. Fonte: Projecting Memory

p.35

010- Constelação de imagens, Palacete Ramos Pinto 1916. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine

011- Registro de Andre Cepeda-Palacete em degradação, 2016. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine

012- Registro de Concerto de Bossa Nova, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal
p.36

013- Registro de visita de Dan Gaham, 2019. Fonte: Arquivo Pessoal

014-Registro de apresentação de Laís e Chantal Benjamim, 2020. Fonte: Arquivo Pessoal

015- Maria Virginia e filhas no Palacete Ramos Pinto, 1916. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine
p.37

016- Mobiliário sala de jantar do Palacete Ramos Pinto 1916. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine

017-Evento vinho do Porto, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

018-Desmontagem da mesa original do Palacete Ramos Pinto, 2021. Fonte Arquivo Pessoal
p.38

019-Registro de Andre Cepeda-Sala de jantar em degradação, 2016. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine

020-Mediação de atividade educativa, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

021-Visitante em sala de café, 2021. Fonte Arquivo Pessoal
p.39

022-Maria Virginia e Ramos Pinto, 1916. Fonte: exposição Footnote 14, Fotografia Monique Bernardine

023-João Barrento em conferência, 2020. Fonte: Arquivo Pessoal

024-Colaboradora da Casa São Roque, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal
p.40

025-Visitante em espaço expositivo da Casa São Roque, antigo lagar, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

026-Monitoras do programa educativo da Casa São Roque, antiga cozinha, 2021.

Fonte: Arquivo Pessoal

027-Colaboradora da Casa São Roque, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

p.41

028- Monitores do programa educativo em montagem de exposição, antiga garagem, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

029-Artista Ana Jotta em visita guiada, antiga garagem, 2019. Fonte: Arquivo Pessoal

030-Monitores do programa educativo da Casa São Roque, antiga garagem, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

p.42

031-Monitores do programa educativo da Casa São Roque, antiga garagem, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

032-Estudante em visita à exposição do programa educativo, antiga garagem, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

p.43

033-Registro de percurso momento contextualização, da Casa São Roque à Cooperativa dos Pedreiros, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

034-Visitantes em Projeto Technical Unconscious, 2014. Fonte: Pag. Facebook

035-Participantes do Projeto órbitas arquitetônicas em visita à Cooperativa dos Pedreiros, 2021. Fonte: Arquivo Pessoal

p.44

036-Espaço expositivo Galeria Nuno Centeno, 2020. Fonte: Pag. Facebook.

037-Galeria Oitavo, 2019. Fonte: Pag. Facebook.

038-Performance Mudares, 2020. Fonte: Pag. Ana Rocha-Facebook.

p.45

039- Trabalhadores a transportar pedras, Cooperativa dos pedreiros 1930-1950. Fonte: FB Oficina2

040- Coworking Oficina2, 2020. Fonte: Pag. Facebook.

p.46

041-Trabalhadores a transportar pedras, Cooperativa dos pedreiros 1930-1950.
Fonte: Oficina2

042-Visitantes em Projeto Technical Unconscious, 2014. Fonte: Pag. Facebook

045- Visitantes em projeto Technical Unconscious, 2014. Fonte: Pg Facebook.

p.49

046-Mapa com intervenção de Laís Benjamim, 2020. Foto: Monique Bernardine

p.68

047-Cartaz de divulgação do Projeto Órbitas Arquitetônicas, design João
Pessegueiro.

p.72

048-Participantes do Projeto Órbitas Arquitetônicas em momento de contextualização,
2021. Fotografia: Monique Bernardine

p.73

049-Momento de leitura do espaço em visita mediada, 2021. Fotografia: Monique
Bernardine

p.74

050-Captura mapa mental. Fonte: <https://orbitasarquitetonicas.wordpress.com/>

p.75

051-Captura pagina web. Fonte: <https://orbitasarquitetonicas.wordpress.com/>

p.76

052-Captura mapa mental. Fonte: <https://orbitasarquitetonicas.wordpress.com/>

p.77

053- Visitantes em exposição do programa educativo, 2021. Fotografia Giovana
Enham

p.78

054- Visitantes em exposição do programa educativo, 2021. Fotografia Giovana

Enham

p.79

055- Monitores do programa educativo a participar do Projeto Órbitas Arquitetônicas, 2021. Fotografia Monique Bernardine

p.81

056-Colagem coletiva, 2021.

p. 82

057-Colagem coletiva, 2021.

p.83

058-Colagem coletiva, 2021.

p.84

059-Colagem coletiva, 2021.

p.85

060-Colagem coletiva, 2021.

p.86

061-Colagem coletiva, 2021.

p.87

062-Colagem coletiva, 2021.

p.89

063-Colagem estudante Tomas 2º do Agrupamento do Cerco, 2021. Fonte: Arquivo Casa São Roque.

Bibliografia

Livros

Agamben, G. (2008). Infância e História- Destruição da Experiência e Origem da História. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Alloa, E. (org.) (2015). Pensar a Imagem. Belo Horizonte: Autêntica.

Barbosa, A.,M. (1998). Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/ Arte.

Benjamin, W. (2018). Imagens de Pensamento. Porto: Porto Editora.

Bishop, C. (2013). Radical Museology. London: Koenig Books.

Didi-Huberman. G., (2011). Sobrevivência dos Vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Gutfranski, K., Hendriks, A., Moreira, I., Szyłak, A., Vergara, L.,(Eds.).(2012). Materiality. Gdańsk: Wyspa Institute of Art.

Jacques, P. B.,Pereira, M.S.(Org.).(2018) Nebulosas do Pensamento Urbanístico. Salvador: EDUFBA.

Lacruz, E., Moreira, I. (2017) (Eds.) Projecting Memory. Warsaw: IRF Press.

Montaner, J. M. (2001). A modernidade Superada- Arquitetura Arte e Pensamento do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

O’ Doherty, B. (2007). No interior do cubo branco A ideologia do espaço da Arte. São Paulo: Martins Fontes

O’Neill, P., Wilson, M. (Eds.).(2010). Curating and the Educational Turn. London: Open Editions.

Staniszewski, M. A. (1998). The Power of Display: A History of Exhibition Installations at the Museum of Modern Art. London: MIT Press.

Tavares, D. (2019). Casa São Roque. Porto: Dafne.

Artigos

Bondía, J., L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. n.19, pp.20-28. Acesso: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>

Moreira, I. (2014) Quando o Museu (ainda) é um estaleiro de obra: potencialidades e dilemas da curadoria em edifícios em processo de musealização. Acesso:<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13512.pdf>

Teses Doutorado

Inês Moreira (2014). Performing Building Sites: curating in/on/through spaces. PhD dissertation, Goldsmiths, University of London.

Maria do Carmo (2012) O ateliê de arquitetura de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva Martins- Visibilidade da Memória. Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sites

Gestão Integrada de Sistemas de Arquivo do Arquivo Histórico Municipal do Porto-
acesso em 10 janeiro 2021: <http://gisaweb.cm-porto.pt/>

Nasa- em :<https://solarsystem.nasa.gov/solar-system/our-solar-system/overview/>
Acesso 15 dezembro 2020

Punkto-Revista online de arquitetura-acesso: <https://www.revistapunkto.com/>, em 7
de abril 2021

Tate online – acesso: <https://www.tate.org.uk/tate-etc/issue-21-spring-2011/white-cube-and-beyond>, em 20 janeiro 2021

Vitruvius- Revista online de arquitetura- <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.030/3295?page=3>, acesso em 10 fevereiro de 2021

Revistas Online

Ferraz, M. (2017). A curadoria de exposições de arquitetura. Publicado em: Arqurb-
Revista online de arquitetura- acesso: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb>, em 5
março 2021.

Gaudêncio, S. (2017). Projeto Estação Vernadsky- acesso: <http://estacaovernadsky.com/index/>, em 10 abril 2021.

Moreira, I. (2014). Rescaldo e Ressonância. Publicado em: Cadernos de Curadoria-
acesso: <https://issuu.com/inesmoreira/docs/cc-12-v01>, em 10 agosto 2021.

Moreira, I. (2014). O futuro não foi branco- após o white-cubismo, os brown rooms/grey halls. Publicado em J-A Jornal Arquitectos- acesso em <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/projeccoes-de-futuro/o-futuro-nao-foi-branco>, 15 maio 2021.

Moreira, I. (2018). Euforia, nostalgia e transgenia no Porto oriental. Publicado em J-A Jornal Arquitectos, acesso em: 18 maio 2021 em <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/euforia-nostalgia-e-transgenia-no-porto-oriental>

Moreira, I. (2018) Starring: a revitalização do quarteirão industrial da Real Vinícola por Guilherme Machado Vaz- publicado em J-A Jornal Arquitectos acesso: <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/j-a-256/revitalizacao-real-vinicola>, em 20 maio 2021.

Pestana, M. (2014). Contar o edifício. Publicado em J-A Jornal Arquitectos- acesso em: <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/contar-o-edificio/>, em: 15 maio 2021

Dossiês Curatoriais

Moreira, I. (2014) Technical Unconscious.

Renton, A., Fernandes, J. (1993) A Pasta de Walter Benjamim.

Outros

Casa São Roque (2021). Footnote 14: Angel of History. Porto.

Anexos

Personagens utilizados nas colagens coletivas- Montagem

Cartazes de Adriano Ramos Pinto- Fonte: Arquivo Casa São Roque

